

J E N M I N K M A N



A Ilha



uma novela distópica



A Ilha

Jen Minkman

Traduzido por Michelle Malheiro do Vale Hapetian

“A Ilha”

Escrito por Jen Minkman

Copyright © 2020 Jen Minkman

Todos os direitos reservados

Traduzido por Michelle Malheiro do Vale Hapetian

Design da capa © 2020 Jen Minkman

Sumário

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[A Ilha](#)

[Prólogo](#)

[-1-](#)

[-2-](#)

[-3-](#)

[-4-](#)

[-5-](#)

[-6-](#)

[-7-](#)

[-8-](#)

[-9-](#)

[-10-](#)

[-11-](#)

[-12-](#)

[-13-](#)

[Epílogo](#)

A sequência de A Ilha, The Waves, conta a versão da história de Walt.

Agradecimentos

**As ondas chamam,
clamando por mim.
O meu sangue transfigura-se
em água vertendo no mar.
E a corrente de esperança
levar-me-á de volta
Nenhuma mulher é uma ilha
e não sou a única.**

Prólogo

Ao atravessar a porta do meu quarto, deparei-me com a minha mãe e o meu pai, à minha espera, no corredor.

A roupa que vestia era desconfortável, de adulto, com uma textura áspera e um corte prático. Feita para durar.

«Sigo o meu próprio caminho», declarei debilmente. As palavras que todas as crianças proferiam aos dez anos – e que o meu irmão diria no mesmo dia, depois de mim – não soavam seguras, vindas de mim. Mas sentia-me confiante, porque sabia que era assim que tinha de ser. Aclarei a voz e falei mais alto. «Aguento-me por mim própria. Só eu posso tomar conta de mim.»

O meu pai anuiu solenemente. Lívida, a minha mãe fitou as mãos. Porque não olharia para mim? Seria essa a sua maneira de me dizer que não queria saber mais de mim? Ainda nem saíra de casa... A desilusão pesava-me no estômago como um tijolo maciço.

A porta ao lado da minha abriu-se e apareceu o meu irmão gémeo, Colin. Vestia calças castanhas e uma camisa simples. Levava a tiracolo um saco com os poucos pertences que não queria deixar para trás. Quase todas as nossas coisas seriam destruídas, depois de partirmos, e os nossos quartos seriam esvaziados, para não termos a tentação de regressar. De modo algum havia de querer voltar. Não precisava de mais nada dali.

Colin aclarou a voz.

– Sigo o meu próprio caminho – diz, num tom de voz trémulo. O seu olhar buscava o olhar da nossa mãe. – Aguento-me por mim próprio.

Uma lágrima deslizava-lhe pela face. Custava-lhe muito. Afinal, era o mais novo dos dois. Tínhamos meia hora de diferença.

– Só tu podes tomar conta de ti – acrescentou o meu pai, uma vez que Colin não era capaz.

Quando passei pela minha mãe, ela pousou-me subitamente a mão no ombro.

– Leia – disse, retirando do bolso do vestido um simples colar de contas com uma noz pintada pendurada. – Toma.

O meu coração parou. Era o colar que a minha mãe recebera da mãe dela, antes de sair de casa. Estava a dar-mo a mim.

– Obrigada – sussurrei-lhe. Por breves momentos, imaginei que me dava muito mais do que colar. Senti que não era o fim, mas o meu pai abriu-nos a porta de casa.

Segui o meu irmão para a rua inundada pela primeira luz do dia, afastando-me da minha mãe.

À minha espera, Colin agarrou-me a mão.

– Vens? – perguntou, balbuciando.

Seguimos caminho, sem olhar para trás. Fomos para o solar, onde passaríamos a viver até nos casarmos e termos filhos.

Ouvimos a porta de casa fechar-se com força. Começava uma nova vida.

-1-

– Mas quantas vezes tenho de te dizer para não trazeres a porcaria da lenha húmida? – vociferou Ben, de sobrolho franzido e atirando ao chão os ramos que lhe entregava. – Não podes fazer fogo com isso!

– Desculpa – respondi, entre dentes.

– Desculpa? – Debaixo dos caracóis castanhos, o rosto de Ben ruborizava. – De que me servem as tuas desculpas? Pelo menos faz-te útil, no meio do mato.

– Cala-te, Ben – interrompeu Colin, de rompante. Estava ao meu lado a esfolar um coelho. – Até parece que nunca cometeste nenhum erro.

Ben esboçou um sorriso altivo.

– A sério? Tanto quanto sei eu é que nos tenho mantido vivos a todos. Quem matou esse coelho? E quem caçou os dois faisões que comemos ontem?

Colin ergueu a sobrancelha, fazendo uma expressão inquisitiva.

– E quem é que levou na cara, ontem à noite, por ter entrado na tenda onde não devia?

Mordi o lábio, para não desatar a rir de nervoso. Ben era sem dúvida alguma um sobrevivente, mas não tinha muito jeito para socializar. Na noite anterior, Mara mostrara-lhe que não estava interessada nele. Ainda bem que Colin a ouvira gritar ou não sei se o murro no nariz teria sido suficiente para o fazer entender.

– Do que te ris? – perguntou Ben rispidamente. Por pouco, não me apanhava a sorrir. – Achas piada?

– Não. Viver num mundo onde os mais fortes ganham sempre e têm mais direitos do que os outros não me dá vontade nenhuma de rir.

Ben era o irmão mais novo de Saul, o líder do solar. Organizava combates entre os rapazes mais fortes e os membros mais fracos do grupo, para os manter permanentemente assustados. Nunca sabíamos quando nos calharia a nós. Poucas semanas antes, Colin levava uma coça de Max, um tipo gigantesco a quem chamavam Urso.

Era igualmente Saul que decidia quem tinha de passar temporadas no mato, para aprender técnicas de sobrevivência – se não estivéssemos nas suas boas graças, iríamos semana sim, semana não – e quem poderia viver no solar. Era ele que determinava quando ler o Livro em voz alta nas nossas assembleias e que capítulos.

– Acho que devias deixar a Mara em paz – aconselhei, a medo.
– Já te disse que não se quer casar contigo.

Ben sorriu maliciosamente.

– Mas quem é que falou em casar?

Completamente chocada, sustive a respiração. Todos sabiam de onde vinham os bebés. Se fizéssemos... *aquilo*... sem assumir a responsabilidade pela criança e pelo seu sustento até aos dez anos, seríamos praticamente considerados criminosos. Caso isso acontecesse, o que era muito raro, o rapaz seria obrigado a casar com a rapariga.

Alguma coisa me dizia que Saul não obrigaria o irmão mais novo a nada.

Voltei-lhe as costas, repugnada. As pedras que utilizava para fazer fogo escorregaram-me das mãos e caíram no chão. Corri pelo caminho da floresta, pelo meio das árvores, através dos campos cobertos de ervas e afastei-me o mais que pude de Ben. Não queria que me visse as lágrimas.

Só parei na praia.

Continuei em direção ao mar, sentindo a areia fazer-me cócegas nos pés descalços. As ondas rebentavam em bolhas de espuma, contra os meus calcanhares. Acima de mim, ouvia as gaivotas grasnar. A interminável superfície da água perdia-se no horizonte, para onde quer que olhasse.

O nosso mundo era pequeno. Se desse meia volta e fosse para norte, poderia atravessar a nossa terra num só dia. Chegaria a outra praia, onde encontraria outro pedaço do infindável oceano. Nada mais do que mar. Estávamos por nossa conta e só poderíamos confiar na Força que nos era interior e não exterior.

Se seguisse dali para oeste, encontraria uma barreira – o Muro que, segundo os nossos antepassados, não deveríamos passar. Do outro lado estavam os Tolos.

Não era difícil passar o Muro, mas ninguém o queria fazer. Os Tolos não acreditavam na própria Força. Preferiam acreditar numa coisa exterior a este mundo que os salvaria e que os viria resgatar. Ninguém se queria misturar com idiotas desses.

Fosse como fosse, eram reservados e não se metiam connosco. Aliás, se não fosse ter visto um dos seus navios, nem diria que os existiam. Estava longe, mas tão longe, da ilha que até assustava. Todos sabiam que não existia nada para lá do horizonte. Os navios que zarpavam dali nunca mais regressam.

No fundo, admirava-lhes a coragem. O nosso mundo era mais seguro do que o deles, mas acabava por me fazer sentir encurralada. Sobretudo por ter de seguir um líder tão horrível como Saul. Sabia que me deveria casar o mais depressa possível, sair do solar e voltar para Newexter, onde viviam os meus pais, mas não gostava de ninguém o suficiente para casar.

Suspirando, estendi os braços, como asas, e entrei no mar. Com a água pela cintura, mergulhei a ponta dos dedos. O frio provocava-me pele de galinha pelo corpo todo, mas estar no mar em contacto com as ondas fazia-me sentir ligada à Força. Era como se estivesse mesmo ao pé da fonte que alimenta o universo inteiro. Sentia-me capaz de enfrentar qualquer coisa – as temporadas no mato que eu e Colin tínhamos de suportar, porque Saul teimava que ainda não aceitávamos a Força e o medo de nunca encontrar com quem partilhar a vida – o meu receio da desilusão.

Aos dez anos, tornara-me adulta e fora logo após o nosso décimo aniversário que eu e Colin nos juntáramos aos outros jovens do solar. Tínhamos cada um o seu quarto, mas não parávamos muito por lá. Gostávamos mais de estar lá fora, a fazer arcos e flechas para a caça. Haviam-nos ensinado a fazer redes de pesca e a fazer fogo – embora nunca tivesse apanhado bem o jeito de como se fazia fogo. Quando Saul decidira reivindicar a maioria dos quartos só para seu uso, nós já nem queríamos dormir dentro de casa. Tínhamos as nossas próprias tendas e cabanas.

Aprendêramos a cuidar de nós próprios.

Assustei-me, ao ver nuvens negras avolumarem-se no horizonte. As nuvens de tempestade eram um mau presságio, porque os nossos antepassados falavam de chuvas que queimavam a pele e

faziam as pessoas adoecer. Nunca vimos nada disso, mas tínhamos medo que viesse a acontecer.

Estava na altura de procurar abrigo.

-2-

Quando regressei ao campo, depois do dilúvio, e passei pela ilha, só lá encontrei Mara à minha espera, com um saco de equipamento de campismo aos pés.

– Meu Deus, apareceste! – exclamou num tom de alívio. – O que te aconteceu?

Mara estendeu a mão para me tocar no cabelo preto, baço com água salgada e emaranhado pelo vento.

Encolhi os ombros.

– Nada de especial. Desatei a correr e só parei na praia. Fiquei lá a descontrair. Tinha mesmo de me afastar do Ben.

– Pois, como te entendo! – comentou Mara, suspirando. – Alguém o deveria pôr na ordem, mas quem?

– Tu – repliquei eu, a brincar. – Aposto em como ainda lhe dói o nariz.

Mara pôs-se a fitar intensamente os pés.

– Quanto a isso... Não tenho grande vontade de voltar para casa. De certeza que o Saul me vai dar a tarefa mais merdosa que houver, por ter dado um murro ao irmão. De certeza que me vai pôr a esfregar lençóis imundos, nas próximas três semanas.

Juntas, arrumámos a tenda e dirigimo-nos à estrada para casa, caminhando em silêncio.

– Tenho mesmo de sair daqui – declarou, rompendo o silêncio. – O Saul ainda acaba por me casar com o irmão, só para ele parar de me perseguir.

– Um casamento combinado? – perguntei, olhando pasmada para ela. – Ora, mas isso já não se faz! Temos liberdade de escolha.

– Pois, mas caso não tenhas percebido, o Saul não é lá grande adepto da liberdade. É doido. Será que não descende de Tolos?

– Passaste o Muro e caíste aqui? Ninguém de entre nós descende de Tolos – expliquei eu, a rir.

Mara desviou o olhar.

– Não tens curiosidade, Leia? Sobre as pessoas do lado de lá do Muro?

– Não. Claro que não – apressei-me a negar. – Já sabemos muito bem como são.

– Como? Por aquilo que nos conta o Saul?

– Não. Por aquilo que os meus pais me ensinaram. E que os pais do Saul lhe ensinaram. Para além disso, está tudo escrito no Livro.

– Sim, na parte que nos permitem ler – resmungou.

Parei no meio do trilho e encarei a minha melhor amiga.

– Do que estás a falar, Mara? Quem te disse essas coisas?

– O Andy – confessou. – Diz que...

– Diz o quê? – insisti.

Mara fez silêncio, mordendo o lábio e olhando para o chão. Notava que estava corar perante o meu olhar inquisitivo.

– Estive com o Andy – revelou, num tom de voz hesitante. – Mesmo antes de nos mandarem passar esta temporada na floresta. Passámos um serão inteiro juntos. Foi nessa altura que me contou um segredo acerca do Livro. Diz que o Saul nos anda a esconder algumas coisas.

Andy e Mara? Sentia um certo pesar. Era verdade que não gostava a sério de ninguém, mas, se tivesse de escolher, escolheria Andy. Tinha 18 anos, uns doces olhos castanhos, cabelo preto e ombros largos. Mas era da Mara que ele gostava. Da minha melhor amiga, de 15 anos, esguia e graciosa, com cabelo cor de avelã. Por uma fração de segundos, senti um travo de ciúme a amargar-me a boca, até reparar na insegurança que Mara transmitia com o olhar. Não me queria perder por causa daquilo.

– Então, o que disse o Andy, mais precisamente? – perguntei, desviando o assunto do encontro dos dois.

– Que o Saul sabe coisas que não partilha connosco. Coisas importantes.

– E como é que o Andy descobriu?

Mara começou a sussurrar.

– Leu no Livro.

– Quando?

– Não pôde ler muito. O Saul tinha deixado o Livro em cima da mesa, depois do discurso que fez, na noite em que tivemos de

assistir ao combate entre o Max e o teu irmão. O Andy não resistiu à tentação de espreitar.

– A sério!? – exclamei, desconcertada. E eu que julgava que Saul não podia escolher assim tanto que capítulos ler e quando. Afinal, alguns capítulos *nunca* eram escolhidos.

Do que teria ele medo?

– O Livro diz que a tática de sobrevivência mais importante é a colaboração – prosseguiu Mara. – É trabalhando em conjunto que melhor acedemos à Força. Não precisamos de líderes.

– Mas... isso não é bem assim – contrapus eu, hesitante. – O que conta é a lei do mais apto.

– Não. O grupo mais forte é aquele em que todos participamos. Quem tentar atrair todo o poder da Força para si próprio acabará por se tornar mau. E todos os que o seguirem perderão também a luz.

– Nesse caso, temos de fazer alguma coisa! – disse, aflita, em voz baixa, apesar de ali ninguém nos poder ouvir. – Se o Saul nos anda a mentir acerca disto...

Mara suspirou melancolicamente.

– Sabemos isto, mas não podemos provar nada. O Andy leu a página de raspão. Não a pôde arrancar, para mostrar aos outros.

Fiz o resto do percurso para casa, colocando um pé à frente do outro automaticamente. Não conseguia tirar da cabeça a história de Mara. A ser verdade, um tipo sedento de poder andava a mentir-nos e a mandar-nos para o meio do mato procurar a própria Força que nos roubava. Talvez devesse contar tudo a Colin.

Junto do portão da vedação do solar encontrámos uma mulher à nossa espera. Era da aldeia. Pensámos que talvez nos viesse trazer notícias de Newexter ou recolher uma carta de Saul.

Só a reconheci quando me encarou diretamente. Tinha o cabelo castanho e os olhos azuis. O olhar cansado fixou-se em mim – o mesmo olhar fugidio que vira seis anos antes, quando saíra de casa dos meus pais.

Era a minha mãe.

-3-

– O QUE... o que faz aqui? – perguntei, gaguejando.

Mara olhava para a minha mãe como se estivesse a ver um fantasma. Na verdade, era uma ocorrência muito estranha: os pais *nunca* visitavam os filhos no solar. Porque haviam de o fazer? Não precisávamos deles nem poderíamos contar com eles.

A minha mãe estendeu-me o braço e tocou-me no ombro.

– Ó Leia! Como crescestes! – exclamou, fixando os olhos inundados de lágrimas no meu colar. – Como estás?

– Muito bem, – respondo secamente.

– E o Colin?

– Também está ótimo.

Sem desviar o olhar de mim continuou.

– Tive tantas saudades vossas! – sussurrou. – Nunca vos deveria ter deixado partir.

Piscando os olhos, perguntei:

– O que diz? Fizemos o que tínhamos de fazer.

Ela sacudiu a cabeça.

– Já não acredito nisso, – resmunga num tom de voz quase inaudível.

– Como assim, já não acredita nisso?

– Não está certo – declarou, torcendo as mãos. – Não pode estar certo deixar os filhos partir tão novos.

– Então, e o pai? – quis saber, perplexa. – Vai aparecer aqui também?

– O teu pai morreu – informa, num tom monocórdico.

Engoli em seco para encher o silêncio que se criava entre nós.

– Morreu? – repeti debilmente.

A minha mãe confirmou, acenando devagar com a cabeça.

Não estava nada à espera que tal me acontecesse. Julgava que só reencontraria os meus pais uns anos depois. Avistá-los-ia de longe, na praça central. Conversaríamos cordialmente na loja da aldeia, mas eles nunca me visitariam. Apesar de vivermos perto, jamais conheceriam os meus próprios filhos.

Nunca mais veria o meu pai.

– O que aconteceu? – perguntei com delicadeza.
– Foi a gripe que o levou. Tinha febre alta e o curandeiro fez tudo o que pôde, mas não adiantou.

– Lamento – disse, engasgando-me com as palavras. – Os meus pêsames.

Seguira o meu próprio caminho e já me aguentava sozinha. Não precisava dos meus pais nem eles me apoiariam em nada. A Força era a única coisa com que poderíamos contar. Não percebia porque me sentia tão triste e vazia com aquela notícia.

– Obrigada – respondeu a minha mãe, em voz baixa. – Espero que voltes para casa em breve.

Anui com alguma renitência.

– Só volto, quando estiver pronta para me casar e nem um segundo antes.

A minha mãe olhou para mim, para Mara e outra vez para mim.

– Digam-me uma coisa: o líder do solar ainda é o Saul? Nunca assina os boletins de informação.

– Sim – respondeu Mara, com uma expressão espantada. – E o Ben.

– Então, é verdade... – disse a minha mãe, franzindo o sobrolho e mostrando-se preocupada.

– O quê? – perguntei.

– Querida, o Saul tem 21 anos. Já deveria ter saído há muito tempo – explicou com uma expressão grave. – Há qualquer coisa que não bate certo.

Vinte e um anos? No máximo, as pessoas saíam aos 19 do solar e, mesmo assim, era em casos excepcionais. Perplexa, sacudi a cabeça.

– Está na altura de haver uma intervenção de Newexter – prosseguiu a minha mãe. – Vou dizer ao Ancião.

– Como? – inquiri, explodindo. – Uma intervenção? Nem pense!

O Ancião poderia ter um elevado estatuto por ser a pessoa que mais tempo sobrevivera, mas isso não lhe dava o direito de tomar decisões por nós, ali, no solar.

– Só vos queremos ajudar.

– Não precisamos da vossa ajuda – respondi, com desdém. – Sabemos cuidar de nós.

Antes que pudesse dizer mais disparates, abri abruptamente o portão e puxei Mara para vir comigo. Já dentro da propriedade, fervia de raiva. Se Saul fosse efetivamente demasiado velho para lá ficar, nós mesmos o mandaríamos embora. Os nossos pais deveriam permanecer em Newexter e deixar-nos tratar da questão.

Foi então que dei por mim a pensar *nela*. Na minha mãe. Parecera-me muito pálida e só. Estaria realmente preocupada comigo e com Colin? Por que razão?

Com alguma hesitação, olhei para trás, mas ela já não estava no portão.

Saul estava diante da casa, quando subíamos o caminho que dava para a porta lateral. Tinha nas mãos grossas uma faca com que talhava outro arco de flechas. Apesar de não o ver a olhar para nós, sentia o coração acelerar cada vez mais, à medida que nos aproximávamos. Tinha a sensação de que, de alguma maneira, nos observava. Que sabia que ali estávamos.

Quando nos preparávamos para entrar no terraço, junto à casa, ouvimo-lo inspirar e dirigir-se-nos.

– Parem – ordenou num tom calmo.

Parei imediatamente. Mara olhou de lado e empalideceu, observando Saul guardar a faca e aproximar-se de nós. O conjunto dos olhos, cabelo e roupa negros faziam-no parecer uma mancha de tinta preta contra as paredes brancas da casa.

Mantínhamo-nos imóveis, onde estávamos, como um par de cervos à espera que a fera nos saltasse em cima. Tínhamos sido caçadas pelo olhar negro de Saul. Nessa altura, vimos-lhe o canto da boca repuxar num sorriso.

– O melhor é fazerem-se úteis, – diz a Mara, num tom de voz ainda tão baixo que quase era abafado pelo ruído das batidas do coração a latejar-me nos ouvidos.

– Út... úteis? – perguntou ela, engasgando-se com as palavras.

– Mais úteis do que foste ao meu irmão – explicou, com o mesmo sorriso arrepiante a sobressair-lhe no rosto. – Se não és capaz de cumprir o dever mais importante de uma mulher, talvez te

devesse limitar a outras tarefas, como lavar a roupa. Por acaso acho que há imensa por tratar. Quero tudo pronto hoje à noite.

– Está bem – sussurrou Mara, fitando os pés. – Vou já tratar disso.

– Boa.

O olhar de Saul passou para mim. Gostaria de também poder baixar o olhar para os meus pés, mas o meu lado belicoso forçava-me a encará-lo com firmeza. Do canto do olho, vi Mara afastar-se e percebi que estava só.

– Leia – começou Saul, fixando-me. – Pareces-me um pouco pálida. Passa-se alguma coisa contigo?

– Não. Estou ótima.

Sacudindo a cabeça, em sinal de dúvida, insistiu.

– Não ficaste perturbada por veres a tua mãe?

Vira-nos? Fiquei sem ar.

– E porque havia de ficar? – respondi sem hesitação.

Saul aproximou-se de tal modo que até lhe sentia o hálito.

– O que veio cá fazer? – perguntou, em voz baixa.

Não me parecia que tivesse vindo só para me dizer que o meu pai morrera. Talvez só me quisesse ver, por lhe fazer recordar uma parte dele de que sentia saudades.

– Suponho que tenha vindo entregar um boletim de notícias – expliquei entre dentes e sentindo-me cada vez mais nervosa com a sua proximidade.

Soltando uma gargalhada seca, comentou:

– Ah, pois. As notícias. Li no último boletim que o teu pai morreu.

O fel do seu tom de voz enervava-me de tal modo que, de repente, comecei a sentir os olhos molhados.

– Ai, desculpa. Fui insensível – prosseguiu. – Não eras tu que o queria ver novamente, depois de sair daqui?

– Não. Era o Colin – afirmei, com dificuldade em fazer sair a voz.

Saul não disse nada mas também não se afastou de mim. Quando, por fim, recomeçou a falar, desejei ter eu recuado.

– O teu pai nunca te deu qualquer tipo de apoio e agora já não to pode dar mesmo. Não te esqueças. – Fitando-me intensamente, acrescentou com desdém: – Não me digas que vais *chorar* por ele?

Sacudi a cabeça.

– Não – respondo cuidadosamente e em voz baixa, sentindo-me a ficar sem voz.

– Ainda bem. Agora vais ajudar o teu irmão na cozinha. Talvez e/le chore com essa notícia. Dá-lhe os meus sentimentos.

Ouvi-o afastar-se de mim e, apesar do calor do verão que se fazia sentir, comecei a tremer de frio, sob a roupa húmida. Não tentei mais olhar para ele e precipitei-me na direção da cozinha.

-4-

– ENTÃO, ELA esteve cá? – perguntou Colin, com um olhar impenetrável.

– Sim.

– Não se esqueceu de nós.

Fechando os olhos por breves segundos, Colin continuou.

– Mas não dizem que os pais se esquecem sempre dos filhos?

Passei os dedos pelas contas do colar que a minha mãe me dera e que usava todos os dias, desde que tínhamos saído de casa. Imaginava Newexter e os meus pais a retomarem a vida tranquila de sempre, depois de os filhos partirem. Já não teriam de se preocupar mais em pôr comida na mesa. Eram pessoas que não queriam a responsabilidade de ter filhos. Alguns, contavam ansiosamente os dias até à partida dos filhos.

Mas nem todos eram assim. Um homem tinha mentido sobre a idade do filho, depois de a mulher ter morrido, para poder ficar com ele mais algum tempo. Todos sabíamos fazer as contas, mas nem o Ancião de Newexter tivera coragem para mandar o filho dele partir.

A nossa vizinha do lado passara dias a chorar, sentada nos degraus da porta de casa, depois de a filha ter partido, como que esperando vê-la regressar.

– É o que dizem, sim – respondi delicadamente.

– E o pai morreu – prosseguiu Colin. – Porque não fomos ao funeral?

Ao acabar a frase, bateu com o punho cerrado na mesa da cozinha, demonstrando a sua frustração e fazendo a faca com que arranjava o peixe saltar como que sobressaltada.

– A maioria das pessoas não vai ao funeral dos pais – justifiquei, gaguejando.

– Pois, mas eu não sou a maioria das pessoas. Gostaria de o ter visto uma última vez – declarou bruscamente. – E ainda gostaria mais de o ter visto vivo, mas isso é claro que já não posso fazer.

Olhei para o meu irmão gémeo, com uns olhos azuis cintilantes e cabelo negro, como o meu. Era alto e entroncado para a idade. E gostava de Ami. Não me surpreenderia nada se decidisse reunir os

pertences e voltar para Newexter em breve, levando-a como noiva. Nunca achara aquele sítio onde estávamos muito útil, insistindo sempre um pouco em segredo que os nossos pais teriam sido perfeitamente capazes de o ensinar a sobreviver.

– Eu sei – sussurrei. – Eu percebo.

– Não percebes nada. Nunca duvidaste do propósito elevado de os deixarmos. Aliás, nem sequer tens saudades deles.

Os meus lábios tremiam.

– Tu também não percebes. Porque achas que tenho isto? – retorqui, apertando o colar que a minha mãe me dera.

Suspirando, Colin deu a volta à mesa da cozinha e abraçou-me com força.

– Quando regressar a Newexter, vem comigo – pediu-me, pressionando os lábios contra o meu cabelo. – Não fiques aqui sozinha. Vamos cuidar da nossa mãe os dois.

Cuidar da nossa mãe... Era o mundo virado do avesso.

– Não posso – contestei. – Ainda não posso. Não tenho namorado. Se fosse agora, nunca me conseguiria casar e passaria o resto da vida sozinha.

– Então e o Andy?

– Está com a Mara.

– Muito bem – comentou, mas, felizmente, não acrescentou nada.

Na verdade, fora ter com Colin para lhe falar de Andy e do que ele tinha dito sobre o Livro, mas via-o tão transtornado que não fui capaz. Era melhor falar primeiro com Andy.

– Ouve... Falamos melhor à hora de jantar. Ainda tenho de tratar de umas coisas – disse, rematando rapidamente a conversa.

Ouvi Colin chamar-me, mas não olhei para trás. Não queria continuar a testemunhar a sua tristeza com a notícia da morte do nosso pai. Só me faria ceder e duvidar ainda mais de mim própria. No fundo, estava tão perturbada como ele.

Encontrei Mara na lavandaria, com os braços mergulhados até aos cotovelos na água ensaboada e baça. Estava a lavar um par de

calças castanhas. No ar pairava o odor a lã molhada e a sabão de lavanda.

– Ouve – disse, olhando com pena para o monte enorme de roupa suja que a esperava. – Sabes onde está o Andy?

Mara limpou a testa.

– Esteve a discutir com o Ben por minha causa. E devo dizer que, por causa disso, terá de lutar com o Max e o Cal esta noite.

– Com os dois ao mesmo tempo? – perguntei, piscando os olhos em sinal de espanto.

– Sim – respondeu Mara, com o lábio inferior a tremer.

Abracei-a e, sem aguentar mais, ela desatou a chorar.

– Não é justo!

Sentia o estômago dar voltas. Tínhamos *mesmo* de sair dali. Saul destruía todos os que tivessem alma. Mas para onde poderíamos ir? Os nossos pais acolher-nos-iam?

– Anda... – disse, tentando consolá-la. – Deixa-me dar-te uma ajuda.

Enquanto a ajudava, esforçava-me por esquecer a ideia de confrontar Saul. Depois de Cal e Max darem uma sova em Andy naquela noite certamente que ele não havia de querer falar comigo sobre o Livro, Saul e as suas mentiras.

Passámos toda a roupa por água e estendemo-la sem abrir a boca, até que, por fim, Mara quebrou o silêncio.

– Onde terá ido o Andy?

– Não sei. Se calhar foi ver se reunia forças, não? – sugeri eu, encolhendo os ombros.

– Para que demorem mais tempo a espancá-lo?

– Pois... mais ou menos... – confirmei, hesitante.

– Passa-se alguma coisa com este sítio, Leia. Assusta-me – confessou a minha melhor amiga, mordendo o lábio.

Lembrando-me da conversa que Saul tivera comigo, acenei lentamente com a cabeça, mostrando que concordava. Sabia perfeitamente do que falava.

NO NOSSO campo, a hora de deitar era quando o sol se punha.

Por vezes, ficava a pé, depois de escurecer. Sentava-me na biblioteca a ler à luz das velas, apesar de não o fazer com muita frequência. Por aquela altura, já tinha memorizado os poucos livros que tínhamos e nenhum era relevante. Uns eram sobre plantas comestíveis, outros, sobre táticas de caça, tosquia de ovelhas, pesca e construção de cabanas. Naquele momento, porém, tinha diante de mim um livro diferente que também já lera muitas vezes. Continha estórias imaginativas a que chamavam «contos de fadas». Percebia que não podíamos confiar nos nossos pais nem no mundo da fantasia – os contos da Branca de Neve e da Gata Borralheira eram prova disso. As mães delas também não as amavam.

Suspirando, fechei o livro e fitei a chama da vela. Ler livros com substância estava fora de questão. Não conseguia tirar as imagens do combate daquela noite da minha cabeça. De Andy a ser espancado por Cal, enquanto Max o imobilizava. Estivera a observar os mais jovens que tinham sido obrigados a assistir e reparara que uns tentavam desviar o olhar e outros mostravam-se aliviados por não ser a vez deles.

Alguns haviam apreciado o espetáculo.

Mara tinha razão. Estávamos num local assustador.

Comecei a percorrer a biblioteca com o olhar e parei na porta das traseiras. Era nessa sala que Saul guardava o Livro. Todas as semanas, ia lá buscá-lo para nos ler alguns trechos, na assembleia que realizávamos no relvado da parte da frente da casa.

Saul estava sempre a dizer-nos que tínhamos de sentir a Força em nós e que não deveríamos depender de ninguém. Os Tolos, separados de nós por um Muro, acreditavam que alguém de longe os viria ajudar. Essa salvação ficava para lá do horizonte e distante da ilha. Era por isso que tanto se esforçavam por construir navios e porque zarpavam para nunca mais voltar. Nós não. Nós éramos fortes e aguentávamo-nos por nós próprios.

Ao olhar à minha volta, reparei que era a única na biblioteca. Do corredor, no andar de baixo, vinha o som de vozes exaltadas.

Curiosa, desci as escadas em bicos dos pés, até onde já conseguia ouvir melhor. Saul gritava qualquer coisa ao irmão.

«Segura nele, Ben.»

Seguiu-se um gemido de esforço, como se Ben estivesse a conter ou a levantar outra pessoa, acompanhado do som de pés a arrastar e das vozes deles a resmungar.

Oh não! Pensei para comigo. *Será que acham que ainda não espancaram o Andy o suficiente?* Pensava que o tinham arrastado para a cabana, depois do combate, coberto de hematomas e com um olho negro. Mara até me dissera que lhe iria levar um unguento medicinal, mais tarde.

Mas não me parecia que fosse Andy e sim uma pessoa que, pela voz, parecia bem mais velha do que qualquer jovem a viver no solar.

Sentindo um arrepio percorrer-me a espinha, fiquei como que paralisada nas escadas. Não podia ver aquilo – *sentia* que não – mas queria.

Silenciosa como um rato, desci os últimos degraus e espreitei cuidadosamente pela esquina da parede que dava para o corredor. Aquela parte da casa era iluminada por tochas penduradas ao longo das paredes, para que os visitantes pudessem ver por onde andavam. Saul teria alegadamente visitantes – raparigas, segundo Colin, mas nenhuma delas alguma vez me tinha dito nada sobre isso.

Na extremidade oposta do corredor havia uma adega de cerveja. Estava sempre trancada, porque Saul dizia que a cerveja assim tinha de estar. Só consumíamos bebidas alcoólicas em ocasiões especiais, como casamentos e assim. Era bastante difícil fazê-las.

Os dois irmãos estavam à frente da adega. Ben agarrava num homem inerte com sangue a escorrer da têmpora direita.

Quem seria? Da aldeia não seria de certeza. Nunca o tinha visto e conhecia todos os habitantes de Newexter. Isso significava que não poderia ser um espião enviado pelo Ancião na intervenção que a minha mãe referira. Só poderia ser um Tolo, então. Mas por que razão o poriam inconsciente e o trancariam numa adega? Talvez já o tivessem encontrado naquele estado e estivessem a ajudá-lo.

Saul abriu a porta com uma pequena chave prateada que pendia do seu chaveiro. Ben empurrou o homem para dentro da adega,

fazendo-o tropeçar. Sem dizerem nada, Saul fechou a porta com força e rodou a chave na fechadura. Afinal, não me parecia que o queria ajudar.

«Vamos chamar o Max», Saul ordenou ao irmão. «Quero falar com vocês os dois.»

Quando se voltaram na minha direção, recolhi-me, sentindo o coração bater na garganta. Pedia muito para que não se dirigissem às escadas. Não fazia ideia de onde estaria Max.

Felizmente, ouvi o ruído seco da porta do quarto de Saul a fechar. O corredor ficou em silêncio. Espreitando novamente da esquina, fixei o olhar na porta da adega e fiquei boquiaberta, ao constatar que as chaves de Saul ainda lá estavam penduradas. Sentia a boca secar com a imagem da chave antiga e talhada que abria a porta da salinha da biblioteca, onde estava o Livro. O meu coração acelerava. Era a única hipótese que alguma vez teria de saber exatamente o que Saul nos escondia.

Precipitei-me na direção da porta, agarrei nas chaves todas com uma mão, evitando que tocassem umas nas outras e tilintassem e, com a outra, retirei a chave da salinha da biblioteca do chaveiro. Tinha as mãos escorregadias com o suor.

O som de vozes sobressaltou-me subitamente. Não vinha das escadas e sim de trás de uma das portas. Só percebia fragmentos do que dizia Saul, em voz alta e exaltado: «... Quem julga que é... não é maluco... ninguém, na ilha...»

Corri para as escadas o mais depressa e silenciosamente que pude e subi-as, dois e três degraus de cada vez, em direção à biblioteca. Quanto tempo demoraria Saul a dar pela falta da chave da Sala do Livro? Não tinha muito tempo.

A VELA com a chama bruxuleante que levava na mão enchia a sala de sombras sinistras. Mordi o lábio ao abrir a porta para a salinha cujas dobradiças rangiam. Muito lentamente, abri-a o suficiente para passar e entrei.

O Livro estava em cima da mesa. Encadernado com cartão duro e um arame em espiral a segurar as folhas, ostentava uma imagem de Luke na capa. Era o nosso antepassado e um dos primeiros habitantes da ilha. Envergava vestes brancas e empunhava uma arma que já não existia. Ao lado, estava a irmã Leia cujo nome herdara. A espada dela emitia luz, porque, segundo se conta, acreditava piamente na Força. Do outro lado de Luke estava o amigo Han empunhando igualmente uma espada luminosa a proteger os gémeos. Era uma pena que Saul – um nome que advinha do segundo nome de Han, «Solo» – não fizesse propriamente jus ao nome do antepassado.

Bem no topo estava um homem com uma máscara preta – o Diabo Vader que traíra os filhos e utilizara o seu poder para o mal.

Arrepiada, toquei reverentemente no Livro, passando a mão pela capa. Era o único livro da ilha que tinha aquele tipo de encadernação: brilhante e suave. Todos os livros da biblioteca estavam encadernados com casca de árvore, papel ou couro e tinham fios grosseiros a segurar as folhas. Aquele era muito diferente. Era a primeira vez que tocava nele. Já o tinha visto muitas vezes, porque Saul gostava de o exibir, quando tínhamos de ouvir os seus discursos e leituras. Aliás, ostentava-o como um símbolo de poder.

Sempre sentira orgulho por me terem dado o nome de um dos gémeos lendários que outrora tinham vivido na ilha, mas, naquele momento, não me sentia nada corajosa ou forte. O coração batia tão furiosamente contra a minha caixa torácica e a minha mão tremia de tal modo que tive de pousar o castiçal.

Abri o Livro.

Os meus olhos apanharam as palavras da primeira página, escritas por Luke.

«Abandonaram-nos», li em voz baixa. «A minha mãe e o meu pai disseram que nos viriam buscar mas mentiram. A maioria das crianças ainda espera no cais. Noite e dia. São estúpidas. São doidas. Os nossos pais nunca regressarão. Temos de nos salvar.»

Via o nome dele escrito por baixo. «Luke Skywalker.» Tinha traços à volta, como se ele quisesse desenhar um sol irradiante em torno das letras.

As páginas seguintes apresentavam um simples esquisso da casa do solar. Branca e lúzia, sem hera a trepar pelas paredes. Nova e limpa. A estória de Luke continuava, mas não poderia arriscar-me a ler tudo. Levaria horas que não tinha. Fui passando as páginas, observando os desenhos de arcos e flechas primitivos, armas e uma roca com um fuso.

Uma imagem do mar captou-me a atenção. No horizonte, avistavam-se nuvens negras e sombrias. Ainda temíamos essas nuvens, mas, aquelas em particular, tinham um formato peculiar que nunca vira. Assemelhavam-se um pouco a cogumelos. Por baixo, estava escrita uma só palavra.

«Veneno», sussurrei.

Subitamente, ouvi vozes a fazer eco no corredor ao lado da biblioteca. «Como raio hei de saber quem é que ficou com a maldita chave?» gritava Ben, num tom frustrado. «Tu é que deixaste as chaves penduradas na porta, não eu!» Já tinham descoberto.

Entalei rapidamente o Livro na cintura das calças. Não tinha tempo para rasgar páginas com provas incriminatórias que nem sequer ainda tinha descoberto. Saí porta fora, sondando freneticamente o espaço à minha volta. A biblioteca tinha duas saídas, mas ambas davam para o corredor onde Saul e Ben discutiam violentamente. Só poderia escapar pela janela.

Dando três passos gigantescos, cheguei à janela e abri-a o mais depressa que pude. Teria de saltar dois andares, para sair dali sem ninguém me ver. E teria de me certificar de que ninguém me veria mesmo, porque se descobrisse que lera o Livro, Saul trancar-me-ia na adega de cerveja para o resto dos meus dias, juntamente com o Tolo que lá estava.

Não tinha tempo a perder. Fechei a janela atrás de mim e lancei-me, dobrando os joelhos para suavizar a queda. Senti uma dor

lancinante nas pernas, mas ignorei, porque tinha de sair dali. Afastei-me aos tropeções e escondi-me atrás de um arbusto, a alguns passos da casa.

Santo Luke. Acabara de roubar o objeto mais importante da casa. Tinha nas mãos o poder de acabar com a terrível liderança de Saul e ele sabia-o muito bem.

O que havia de fazer? Estava fora de questão esconder o Livro na minha tenda. Saul iria certamente revirar tudo e revistar todas as tendas, frenético, em busca do Livro. Se o encontrassem comigo, também puniriam Colin. Segundo as regras dementes de Saul, os gémeos eram considerados responsáveis pelos atos um do outro.

E ali estava, ainda encolhida, atrás dos arbustos, o que não era muito inteligente. A qualquer momento, vê-los-ia sair porta fora e encontrava-me paralisada. Tinha de pensar rapidamente numa solução.

Olhei para o céu. Era lua nova e, se cobrisse o rosto com o lenço escuro que trazia, poderia sair dali sem ser vista, por entre os arbustos. Tinha de trepar a vedação da propriedade e correr até às fronteiras do nosso território. Poderia encontrar bons esconderijos, na área junto ao Muro. Esconderia o Livro e regressaria mais tarde para ler um pouco mais. Talvez Colin e Mara pudessem ir comigo, no dia seguinte.

Sem esperar que Saul e Ben aparecessem, desapareci pela noite dentro. Se fosse rápida, nem sequer dariam pela minha falta.

-7-

A ÚNICA coisa que ouvia na escuridão da floresta era o piar das corujas e o meu próprio resfolegar. As folhas arrastavam ruidosamente pelo chão, levadas pela brisa marítima. Embora mal pudesse ver, no escuro, corria como uma louca. Tinha de me afastar ao máximo do solar e o mais depressa possível. Tinha de esconder o Livro. Ainda nem conseguia pensar no que acabara de fazer.

De repente, tropecei num ramo, perdi o equilíbrio e caí, com um som seco, no meio do trilho que atravessava o bosque. Outrora fora pavimentado mas já quase não se percebia – teriam sido os nossos antepassados a construí-lo? Esfolara o joelho nas poucas pedras lisas que subsistiam e sentia as lágrimas chegarem-me aos olhos com a dor. Não conseguia evitar gemer em voz baixa, esfregando as pernas doridas.

Então, o silêncio da noite foi quebrado pelo som de estalidos nos arbustos. Andava alguém por ali. Alguma coisa grande. Seria um animal selvagem? Tão perto do solar? Poucos se atreviam a aproximar-se.

Então, vindo do nada, surgiu um feixe de luz intensa que me cegou. Era tão intensa que me fazia doer os olhos, como quando olhava diretamente para o sol. Antes ainda de poder recuperar o fôlego o suficiente para gritar, senti uma mão cobrir-me a boca, abafando-me a voz.

– Cala-te! – ordenou-me uma voz masculina.

Seria Saul?

Não parecia a voz de um adulto, o que indicava que poderia ser alguém do solar. Mas de onde viria aquela horrível luz?

– Se prometeres não gritar, largo-te. Está bem? – continuou.

Era estranho. O homem tinha uma forma de falar diferente. As palavras tinham um som mais melodioso e os «r» eram mais arredondados. Era um desconhecido.

Anui em silêncio.

Assim que me destapou a boca, respirei fundo e tentei proteger-me da luz, com as mãos.

– Tira-me isso da cara! – pedi, irritada. – Estás a cegar-me, por amor de Luke!

Quando finalmente afastou a luz dos meus olhos e a apontou para o próprio rosto, fiquei uns momentos encadeada e, depois, consegui vê-lo. Era um rapaz que me parecia ter mais ou menos a minha idade. Incidindo de baixo para cima, a luz distorcia-lhe as feições. Tinha razão; não o conhecia.

– O que é isso? – perguntei, chocada, em voz baixa. – E quem raio és tu?

– Chamo-me Walt – respondeu. – Foi um dos náufragos que me deu esta lanterna.

– Náufrag... o quê? – as palavras custavam-me a sair.

– O homem que nos apareceu na praia – explicou, apontado para o lado ocidental da ilha. – Do outro lado do Muro.

Olhei incrédulo para Walt. Era um Tolo. O que significava que eles existiam mesmo.

– E tu? – continuou, afastando um pouco a luz do rosto e apontando-a para a árvore ao nosso lado. Também o estaria a encandear.

– Chamo-me Leia – respondi em voz baixa. – Vivo no solar.

– Vives deste lado do Muro?

– Sim.

– Um Descrente... – sussurrou. – Então vocês existem mesmo.

O comentário deixou-me intrigada. O que acabara de me chamar? Acreditava na Força com todo o meu ser. Certamente que não fazia ideia do que dizia.

– Sim. Foi mesmo isso que pensei de ti, – retorqui, agressivamente. – És um dos Tolos.

– Não me ofendes – disse ele, rindo. – É isso que nos chamam?

Não disse mais nada, apercebendo-me do absurdo daquela situação. Apesar disso, era excitante, porque estava sentada no chão de uma floresta escura, a falar com um Tolo que passara o Muro. Para além disso, tinha roubado o nosso Livro sagrado. O que mais poderia acontecer?

– Ouve – continuou Walt, já num tom de voz determinado. – Estou aqui à procura de uma pessoa. De um homem ruivo, na casa dos 40. Está com a tua gente, na casa do solar?

Era o homem que vira os irmãos trancarem na adega de cerveja. Lembrava-me de que tinha cabelo ruivo. E foi nesse momento que tive a certeza de que não o conhecia, porque as únicas duas pessoas ruivas em Newexter eram mulheres.

– Porquê? – perguntei com alguma cautela. Não confiava nada em Saul, mas também não poderia confiar naquele Tolo. Sondo-lhe o rosto que já me parece menos ameaçador na semi-escuridão do que quando apontava a estranha lanterna para ele próprio. O reflexo da luz na árvore permitia-me ver perfeitamente que tinha o cabelo louro. Oh não... a luz. Alguém a poderia ver!

– Tens de apagar a luz – ordenei em pânico. – A lanterna! Andam à minha procura e não quero que me encontrem.

Walt desligou imediatamente a lanterna numa espécie de interruptor.

– Já está – diz secamente. – Agora adorava saber porque estás a fugir da tua própria gente. Suponho que tenhas visto o Henry? O homem ruivo?

Engolindo em seco, respondi.

– Sim, mas não foi por isso que fugi.

– Então, porque fugiste? – perguntou, franzindo o sobrolho

Após alguma hesitação, decidi contar-lhe. Tinha de desabafar.

– Roubei uma coisa que pertence ao nosso líder – expliquei, sabendo que, na verdade, o Livro não pertencia a Saul e sim a todos nós.

Walt estendeu-me a mão.

– Não tenhas medo – tranquilizou-me. – Não precisas de ter medo de mim. Seria o último a denunciar-te. O que é que fanaste?

Não conhecia a palavra «fanar», mas percebia o que significava.

– Um livro que contém as palavras dos nossos antepassados. O meu amigo Andy diz que o nosso líder, Saul, está a esconder-nos deliberadamente coisas que lá estão escritas. Não o queria roubar. Só o queria ler em segredo, mas se não tivesse fugido, ter-me-iam apanhado.

– O que tencionas fazer com ele agora? – quis saber Walt. – No escuro é que não o podes ler.

– Olha que para Tolo és bastante esperto – respondi num tom sarcástico.

Walt suspirou de irritação.

– Fazes-me o favor de parar de me chamar estúpido? Não fazes ideia de como é a vida do outro lado do Muro. Nunca lá estiveste nem nos conheces.

– E tu também não sabes nada sobre mim ou sobre a minha gente – retorqui. – Senão não me terias chamado Descrente.

Ficamos uns momentos a fitar-nos na escuridão.

– Não me importava de saber sobre o outro lado – acabei por admitir. – Mas não tenho tempo para conversas. Tenho de esconder o Livro num local seguro.

– Porque não mo entregas? – sugeriu Walt.

Senti o coração parar.

– Entregar-to? Porque faria isso?

Suspirando em sinal de condescendência, como se eu fosse uma criança parva a fazer perguntas estúpidas, explicou:

– Acabo de te dizer. A tua gente nunca esteve do outro lado do Muro. Acho que deve ser o último sítio onde o teu líder se lembraria de ir procurar o precioso livro.

Poderia ser um Tolo, mas a ideia era bastante boa. Apesar de tudo, não era preciso mostrar-se tão superior.

– Mas ainda não encontrei o que procurava nele – respondi, opondo-me.

– Então, encontramo-nos outra vez amanhã e aqui, mas a outra hora. Trago o livro se me trouxeres um sorriso.

Estaria ele a trocar de mim? Lancei-lhe um olhar de raiva mas depressa desisti, porque ele não me poderia ver no escuro.

– O que queres saber sobre o Henry? – perguntei, mudando de assunto.

Walt pegou no Livro e guardou-o.

– O Henry e o amigo Tony vieram até aqui de barco, mas a estranha tempestade desta tarde fê-los naufragar. Não era um barco muito bem construído e as vagas acabaram com ele. Foi assim que o Tony nos apareceu na praia.

Olhava para Walt quase sem conseguir respirar. O homem que procurava vinha do outro lado das águas, do horizonte distante que sempre consideráramos marcar o fim do nosso mundo. Estaria aquilo mesmo a acontecer?

– O Henry deve ter dado à costa do vosso lado – prosseguiu Walt, pegando novamente na minha mão. Era uma sensação diferente da que tinha quando Colin ou Andy me pegavam na mão. As mãos de Walt eram mais ásperas e calejadas. Sem saber bem porquê, comecei a sentir-me desconcertada.

– O Henry está preso na casa do solar. Acho que tentou contar ao Saul sobre esse... naufrágio – expliquei lentamente, recordando as palavras que ouvira do outro lado da porta. «Quem pensava o Henry que era?» Fora o que Saul dissera.

O mais provável seria o nosso líder não acreditar numa só palavra de Henry. Saul e Ben tomavam Henry por um Tolo. Ou Talvez receassem que o mundo que conheciam e onde se sentiam seguros mudasse de vez, se as outras pessoas ouvissem o que Henry tinha para contar e percebessem que, afinal, os Tolos não eram loucos.

– Encontramo-nos aqui, amanhã, por volta do meio-dia – propus – quando o sol estiver no seu ponto mais alto?

Walt concordou.

– Por mim, tudo bem. Tenho de prestar contas às pessoas de Hope Harbor. É assim que se chama o sítio onde vivo. Com alguma sorte, consigo recrutar homens fortes para virem comigo e o Tony resgatar o Henry.

– Está bem. Até amanhã – despedi-me. – Que a Força esteja em ti.

– Fé, esperança e amor – respondeu Walt, no que seria muito possivelmente uma despedida típica do seu lado do Muro. A palavra «amor» fazia-me corar um pouco. Felizmente, Walt não me poderia ver, porque ainda tinha a estranha lanterna apagada. Voltando-me as costas, dirigiu-se para o Muro e desapareceu por entre os ramos das árvores.

Suspirei e comecei a fazer o meu caminho de regresso.

SÓ QUANDO cheguei à vedação em torno da propriedade do solar é que reparei que tinha o pendente do colar estragado. Ter-se-ia partido com a minha queda.

Não tinha tempo para pensar nisso, contudo, porque o solar inteiro estava ao rubro. Via várias pessoas à entrada das suas cabanas e tendas, enquanto alguns rapazes circulavam com tochas, a revirar tudo.

Trepei a vedação e esgueirei-me para dentro da cabana mais próxima que, por sorte, era a de Ami. Tentei não fazer muito barulho ao bater-lhe à porta.

– Quem é? – Reconheci a voz de Colin a perguntar do outro lado da porta.

– Colin? – sussurrei, surpreendida. – O que fazes aqui?

A porta abriu-se com um estalido e Colin puxou-me para dentro. A cabana era iluminada por uma única vela que estava no canto oposto. Na semi-escuridão, percebi que estava preocupado.

– Estou aqui com a Ami, porque ela está cheia de medo, – explicou-me ele, delicadamente, mas com alguma indignação na voz. – O Saul está louco. Acordou toda a gente aos berros e a dizer que um de nós é um ladrão, mas sem nos explicar o que é que perdeu.

– Provavelmente a cabeça – gracejou Ami.

– Isso não é nenhuma novidade. Porque havíamos de nos surpreender só agora? – acrescentou Colin com desdém.

– Sei o que perdeu – confessei.

Por momentos, a cabana fica em silêncio.

– Sabes? – perguntou Colin. – O quê?

– Roubei o Livro – respondi sem rodeios.

– Não roubaste nada!

– Roubei, sim – afirmei já num tom tão altivo como o de Walt para comigo.

– Porquê?

– Porque que o Saul nos está a esconder informação. Foi o Andy que disse. Se soubéssemos o que diz realmente o Livro, o Saul

nunca poderia ser o líder que é.

Colin inspirou de surpresa.

– Está bem – comentou. – Se o Andy o diz...

– O que lhe fizeste? – inquiriu Ami, olhando para mim com espanto.

– Escondi-o bem longe daqui, num sítio onde o Saul nunca irá encontrar. Não o poderia esconder perto da casa – Suspirando profundamente, sentei-me. – A propósito, já vieram procurar nesta cabana?

– Duas vezes – informou Colin, com um ar sombrio. – O Saul adoraria apanhar-me com a boca na botija, isso te garanto. Não me suporta.

Atordoadada, sacudi a cabeça.

– Isto é uma loucura, Colin. Porque ainda damos ouvidos ao to Saul? Ninguém gosta assim tanto dele. Todos percebemos que é uma criatura horrenda e desonesta. Ainda assim, deixamo-lo mandar em tudo.

– Porque é o mais forte. E sabe o que diz o Livro: que precisamos de um líder forte capaz de nos ensinar a sobreviver – tentou justificar um pouco hesitante.

– Não. Não é isso que o Livro diz. Pelo menos, não de acordo com a Mara que o ouviu do Andy.

Ami sacudiu a cabeça, em sinal de rejeição.

– Se não gostares da liderança de uma pessoa, tens de avançar e tornar-te tu líder. Se não fores capaz, não há nada a fazer. Até poderias apresentar queixa aos país, em Newexter, mas quem no seu juízo perfeito o faria? Passarias a depender deles e cortarias a tua ligação à Força.

Por vezes, nos momentos mais difíceis, desejava poder refugiar-me nos braços da minha mãe. Nunca o confessara a ninguém, porque assim me tomariam por uma Descrente, como me chamara Walt, mas jamais esqueceria a sensação agradável que tinha em criança, quando a minha mãe me consolava. Era uma sensação... *natural*.

Instintivamente, agarrei no pendente do meu colar, mas as pontas afiadas da noz partida, espetaram-se dolorosamente na minha mão.

– Está partido... – disse em voz baixa, sem emoção e mostrando o pendente a Colin. – O colar da mãe.

Colin pegou no pendente e levantou o colar de contas, fazendo-o passar pela minha cabeça. – Caíste, quando fugias?

– Sim. Desculpa.

Sabia que Colin sempre tivera um certo ciúme por a nossa mãe só me ter dado a mim um presente. Ainda por cima, partira-o.

Ao voltar a noz na mão, para verificar os estragos, franziu o sobrolho.

– Esperem lá... Tem qualquer coisa lá dentro.

Com muito cuidado, partiu um pouco da casca e retirou um pedaço minúsculo de papel que parecia ser uma mensagem.

Era um papel antigo e amarelado, como o do Livro.

– O que é isso? – perguntei, sussurrando. Tinha uma mensagem secreta comigo todos estes anos?

Seria possível que a minha mãe a tivesse deixado para mim e para Colin?

Com as mãos a tremer, Colin desdobrou-o e começou a ler a mensagem.

– O que diz? – insisti com ele, ao constatar que não pretendia ler em voz alta. Estava tão impaciente que até tinha vontade de o esbofetear, por não me dizer imediatamente o que lia.

– Foi escrito pela avó – respondeu calmamente.

Uma mensagem do passado? A nossa avó já morrera havia muito tempo. Afogara-se no mar, num fatídico dia de outono, quando fora nadar demasiado longe da costa.

O meu irmão passou-me a mensagem escrita numa letra antiquada.

Queria Maya,

Quando leres isto, já te terei mandado embora, em cumprimento das leis de Newexter. Mas, segundo as leis de Hope Harbor, de onde venho, nunca te deveria ter deixado partir. Pais e filhos não se separam. Ensinaaram-te que somos os Tolos e até já concordei com isso. Deixei-os porque achava uma tolice passar os meus dias à espera de uma salvação que nunca virá. Mas acerca de uma coisa, tinham razão. O amor de uma mãe nunca morre.

Tens de conhecer as tuas raízes e de saber que a vida tem muito mais para oferecer do que o que nos dá este nosso pequeno mundo fechado. Quando voltares para mim e te abrires ao amor que sinto por ti, passaremos o Muro juntas.

Fé, esperança e amor,

A tua mãe, Toja.

Sentia-me como se me tivessem batido na nuca com um enorme pau.

A minha avó era uma Tola e a minha mãe nunca o soubera. Não percebera que deveria abrir a noz e nunca lera a mensagem.

O meu olhar pairava sobre as palavras que mais me impressionavam naquele pequeno texto: «O amor de uma mãe nunca morre.» Os olhos encheram-se-me de lágrimas.

– A avó e a mãe nunca puderam conversar, quando a mãe regressou a Newexter – disse Colin, abafando a voz. – A avó afogou-se antes disso.

– Era de Hope Harbor – sussurrei. – A aldeia na Terra dos Tolos.

– Como é que sabes?

Calei-me. Tinha as palavras entaladas na garganta. Por algum motivo, queria manter segredo sobre Walt. Para além disso, Colin poderia zangar-se comigo, se lhe contasse que tinha entregado o Livro mais precioso a um perfeito desconhecido – a um forasteiro.

– Sei, porque o Saul tem um homem preso que diz que é de Hope Harbor – respondi finalmente, dando-lhe uma meia-verdade. – Vi o Saul e o Ben trancarem-no na adega. Foi depois disso que roubei o Livro e fugi, para o poder esconder algures, perto do Muro.

– O Saul tem um Tolo preso na adega? – perguntou o meu irmão, aturdido. – Porquê?

– Acho que ele lhe tentou dizer coisas que ele não queria ouvir. Coisas que também não quer que saibamos.

Piscando os olhos, Colin anuiu com decisão.

– Ouve: eis o que vamos fazer. Amanhã, a primeira coisa que faço é ir falar com o Andy. Sabe mais sobre o Saul e é um dos mais fortes do nosso grupo. Se há quem possa enfrentar o Saul, é ele.

Acenei afirmativamente com a cabeça.

– E eu volto ao esconderijo para ler o Livro. Tenho mesmo de encontrar essas páginas que o Andy mencionou. Se descobrir que o

Saul não segue as regras, todos se revoltarão.

Ficámos na cabana até acabar a busca. Assim que se sentiu mais segura, Ami abriu a porta e espreitou lá para fora.

– O caminho está livre – sussurrou.

Eu e Colin saímos e atravessámos o relvado a correr, em direção às nossas tendas. Estávamos mais ou menos a meio do caminho, quando Ben apareceu do nada e nos travou.

– Onde estavas? – perguntou, espetando o indicador no meu peito, arranhando-me.

Recuei um passo.

– Estive com a Mara – disse, improvisando. Não poderia dizer que estivera com Ami, porque ele e o irmão lhe tinham revistado a cabana duas vezes.

– Ela disse que estava sozinha na tenda – declarou, franzindo o sobrolho.

– Pois, mas estive lá – insisti, lançando-lhe um olhar desafiador. Se conseguisse fazer uma expressão suficientemente odiosa, talvez ele acreditasse em mim.

– Porque estavas lá? – continuou Ben.

– E porque não haveria de estar? – retorqui. – A Mara é a minha melhor amiga.

Apertando os lábios num sorriso sarcástico, Ben comentou:

– Pois claro. E porque estaria ela....

Parando a meio da frase, olhou para mim como se tivesse acabado de me encontrar.

– ... a esconder-te... – concluiu num tom monocórdico e mostrando estar a aperceber-se de alguma coisa de que eu não fazia a menor ideia o que seria.

Vi-lhe o rosto contorcer-se numa expressão irónica.

– Ah, então és uma dessas miúdas – comentou, com desdém. – Mas nunca pensei que a Mara... Bem, pelo menos isso explica...

Quase desatei a rir à gargalhada, quando percebi o que lhe passava pela cabeça. Ben julgava que me escondera na tenda de Mara com vergonha por estar com ela *daquela maneira*. Achava que éramos amantes e que ela não o queria por não gostar de homens. Nunca tinha conhecido ninguém tão convencido. Ben não aceitava o facto de o rejeitarem por ser como era.

– Achas piada? – perguntou, irritado. Tinha um talento incrível para perceber quando eu estava divertida com alguma coisa.

– Mais ou menos – respondi. – Tu não?

Nem sequer esperei pela reação. Sem dizer mais nada, passei por ele e puxei Colin para vir comigo. Com alguma sorte, Ben estaria tão irritado comigo que nem se perguntaria porque vinha do lado oposto do campo e não do local onde Mara tinha a tenda.

Só ao despedir-me do meu irmão e ao entrar na minha tenda é que me comecei a sentir triste. Não era feminina e talvez fosse por isso que ainda ninguém se interessara por mim. Era por isso que Andy preferia Mara. Talvez eu não fosse uma rapariga normal.

Se gostava de mulheres? Não me parecia.

Estava deitada no meu colchão, a olhar para as paredes da tenda, quando comecei a rever o rosto de Walt desfigurado pela estranha luz e a sentir a mão dele tocar-me. A verdade é que o achava irritante e, ao mesmo tempo, interessante.

O Livro não era a única razão pela qual queria reencontrá-lo no dia seguinte.

– ENTÃO *FOSTE TU* a razão da agitação toda de ontem à noite.... – exclamou Mara, olhando para mim com uma expressão quase reverente. – O Saul estava louco e já entendo porquê. Perdeu o Livro. É bem feito, depois do que fez ao Andy.

Naquela manhã, Saul ainda se mostrara tudo menos calmo. Reunira os rapazes mais velhos e mais fortes para o ajudar a vasculhar o campo e a propriedade do solar inteira – os servos dele, como Colin lhes chamava pelas costas. Fanáticos sem força ou inteligência para arrebataram o poder e que, por isso, seguem cegamente o líder para se sentirem mais importantes.

Encontrara Mara por acaso, naquela manhã, quando ela ia a caminho da cozinha e tínhamo-nos sentado debaixo do velho carvalho, diante de casa, a tomar o pequeno almoço e a conversar em voz baixa. Já a tinha posto ao corrente de muitas coisas: da descoberta do homem trancado na adega do solar, do Livro e da carta da minha avó. Só não lhe contara o mais importante. Nem a ela nem a ninguém.

– Tenho de te contar uma coisa incrível – declarei, em voz baixa, olhando cautelosamente à minha volta uma vez mais, para me certificar de que ninguém nos ouvia. – Não escondi o Livro no Muro. Encontrei um Tolo na floresta. Era da nossa idade. Ele é que ficou com o Livro, prometendo-me que o manteria em segurança. Agora está na aldeia dele, onde o Saul nunca o poderá encontrar.

Mara quase se engasgava com a sanduíche de peixe fumado, fitando-me com os olhos esbugalhados.

– Tu fizeste o quê? A sério? E como era ele? Era assustador?

– Bem... – comecei a explicar, ponderando sobre a pergunta dela e olhando em frente. Tinha de me concentrar para recordar o rosto dele e perceber se a minha melhor amiga o acharia ou não assustador. Sabia que, para mim, não era. Tinha uns olhos castanhos que, sob aquela estranha luz que trazia, pareciam doces, e fazia uma covinha nas faces, ao sorrir. Tinha cabelo louro claro. Não havia ninguém do nosso lado do Muro com o cabelo tão claro. Era, sem dúvida alguma, bonito, ainda que um pouco arrogante.

– Aham – Mara fingiu tossir e olhou-me de lado, com um sorriso matreiro. – Vais responder à minha pergunta, ou vais ficar aí a sonhar como uma *tola*?

– Não estava a sonhar – protestei. – Estava só a pensar.

– Pois... Com esse olhar? Olha que não me pareceu nada – comentou Mara, dando-me um toque de lado. – Então, não me vais contar, ou quê? Também o posso ver?

Não consegui conter o sorriso.

– Claro que sim. É muito diferente dos rapazes daqui – respondi e, antes que ela me apanhasse outra vez a fitar o vazio, propus: – Talvez até fosse boa ideia irmos juntas. Íamos buscar cestos à cozinha e dizíamos a todos que queríamos ir apanhar raízes e folhas. E apanhávamos mesmo, porque o Walt só lá estará ao meio dia.

– Walt... – repetiu Mara. – Soa bem.

O nome dele ou a minha ideia? Nem me dei ao trabalho de perguntar; levantei-me e fui à cozinha buscar dois cestos ao armário.

Ao sair da cozinha, avistei Ben e Saul perto de Mara, a observá-la. Ela estava de costas para eles e mostrava-se tranquila, a acabar a sanduíche. Era esperta. Assim, não lhe viam as mãos a tremer.

– Ah, aqui estás – exclamou num tom de alívio, ao ver-me aproximar-me e levantando-se rapidamente de onde estava, debaixo da árvore.

– Onde julgam vocês que vão? – perguntou rispidamente Saul, com os olhos castanhos escuros a fitarem-me como lanças, sob a oleosa franja negra.

– Vamos à floresta a oeste procurar alimento – respondi.

Para confirmar o que dizia, ergui os cestos no ar.

– Juntas? – insistiu Saul, com uma expressão intrigada.

Mara voltou-se e olhou furiosamente para Saul.

– E depois? – perguntou, dando um passo em frente e agarrando-me a mão.

– Vamos andando – declarei com um sorriso triunfante, perante a expressão de Ben a olhar para as nossas mãos com os dedos entrelaçados, como se as quisesse cortar. Antes de poder fazer o que fosse, como oferecer-se para ir connosco e «proteger-nos»,

seguimos em direção ao portão. Olhei para trás mais uma vez e, fixando Ben, pousei o braço sobre os ombros de Mara. Assim, talvez deixasse de a assediar.

– Ena! Estás muito carinhosa, hoje! – comentou Mara, a rir. – Estás a treinar para o teu encontro com o Walt esta tarde?

Suspirei.

– Para com isso. É estritamente para tratar de coisas sérias. Tem uma coisa de que preciso.

– Tem pois! – troçou Mara, desviando-se da palmada que lhe queria dar nas costas. A minha melhor amiga, andava meio tontinha, desde que me confessara gostar de Andy. Já estava a ficar farta.

– Não. Na verdade, estava a fingir-me mais carinhosa para picar o Ben.

– O Ben? Porquê?

Quando contei a Mara que Ben nos tomava por amantes lésbicas, vi-lhe os olhos brilhar.

– Espetacular! É anedótico. Temos de manter a fachada e agarrarmo-nos uma à outra diante de todos, para que o Ben me deixe em paz, de uma vez por todas. Mas terei de explicar o que se passa ao Andy.

– Aham... Tu e o Andy... – comentei, erguendo uma sobrancelha. – Como vai isso?

Mara corou.

– Não se passa nada de especial. Está tudo bem. Quer sair outra vez comigo, mas se o Colin está a preparar uma rebelião com ele, vai andar demasiado ocupado para isso.

– Se te sentes bem, não penses demasiado – aconselhei com um sorriso.

Avançávamos lentamente pela floresta, colhendo flores selvagens e raízes comestíveis. Ainda bem que o «exército» de Saul já por lá passara naquela manhã ou, a cada passo que déssemos, tropeçaríamos num dos seus lacaios, à procura do Livro.

Alguns mirtilos já estavam maduros e apanhámos alguns para matar a sede e enganar a fome. Ouvia aves a saltitar pelos arbustos mais rasteiros, mas deixámo-los estar, porque não tínhamos trazido arcos e flechas. Fosse como fosse, não era lá grande coisa a manejar o arco. Em geral, deixava a tarefa de caçar a Colin. Preferia

pescar e era boa nisso. Nos bons dias, até apanhava os peixes com as mãos. O vale era atravessado por um rio que nascia no cume de uma das montanhas da ilha.

Dois anos antes, estava sentada no cume dessa montanha, a recuperar o fôlego da subida íngreme, quando avistei o navio de um Tolo a navegar, distante da costa. Estranhamente, não observara quaisquer sinais de vida na parte ocidental da ilha. Só um interminável arvoredor. Por momentos, julgara ter visto uma coluna de fumo, a estender-se em direção ao céu, mas poderia estar a imaginar. Já começava a achar que afinal, talvez não tivesse imaginado. Os Tolos faziam parte do nosso mundo e estava na altura de nos abirmos a essa parte.

Ao ver o sol aproximar-se do seu ponto mais alto, começava a sentir formigas no estômago. Com os cestos a abarrotar, chegávamos ao local onde falara com Walt, na noite anterior. Não tinha dificuldade em encontrar o caminho, porque conhecia a floresta como a palma da minha mão, de tantas vezes que Saul me mandava ir para lá passar umas temporadas, mas não sabia se Walt a conheceria tão bem como eu. Seria ele capaz de ali chegar? Talvez nunca mais o voltasse a ver.

Walt estava lá. Vestia roupa verde escura para se camuflar entre os arbustos, onde se escondia. Quase não o via. Aliás, só o via, por causa do cabelo louro que se destacava claramente. Tinha nas mãos um boné verde que retirara para que lhe víssemos a cabeça. Ou talvez fosse os Tolos tivessem o costume de tirar o chapéu da cabeça, como cortesia.

– Leia – chamou-me em voz baixa, esticando as pernas para se levantar e olhando com curiosidade para Mara.

– É a minha melhor amiga – apressei-me a explicar. – É de confiança e sabe que és tu quem tem o Livro.

– Já percebi porque é que o querias só para ti – diz Mara entre dentes.

Tentando ignorar o rubor que me invadia as faces, dirigi-me a Walt. Reparava que a pele era igualmente pálida, sob a luz do dia,

mas o cabelo louro claro adquirira uma tonalidade mais viva e brilhante com o sol. As mexas mais escuras faziam-me lembrar do pendente dourado que a mulher do Ancião usava nas ocasiões especiais. Walt era quase tão alto e entroncado como Andy. O olhar fixava-se em tudo, incluindo em mim, com uma imensa curiosidade. Intimidava-me um pouco.

– Trouxeste-o? – inquiri.

Walt bateu ligeiramente no saco de couro que tinha a tiracolo.

– Claro que sim. E também trago novidades.

Retirando o Livro do saco, mostra-nos a capa e aponta para os primeiros Luke e Leia com o indicador.

– O Tony conhece os vossos antepassados.

Fiquei boquiaberta.

– Conhece?

Walt anuiu, com uma expressão grave.

– Quer falar convosco, para vos explicar tudo. Não me perguntem o que quer dizer com isso, mas parece-me importante que juntem alguns amigos de confiança e venham ter connosco a Hope Harbor. Acham que conseguem?

– Parece-me que não temos outra hipótese – respondi com alguma irritação. Subitamente, não me agradava aquela familiaridade de Walt comigo. Fazia-me sentir um pouco parva.

– Adoraria – avançou Mara, sempre sedente de conhecimento e com uma enorme curiosidade sobre o que se encontraria do outro lado do Muro.

– Mas, primeiro, temos de resolver os problemas do nosso lado do Muro – indiquei. – Temos de forçar o nosso líder a afastar-se, de libertar o Henry e de consultar os pais.

– Os pais? – perguntou Walt, num tom que sugeria que nunca ouvira falar de pais.

– Sim. Vivem em Newexter. Talvez nos queiram ajudar a livrar-nos do Saul, apesar de ter dito à minha mãe que não era preciso – expliquei, suspirando e fazendo uma pequena pausa. – acho até que não me importava que interviessem. Precisamos muito de ajuda.

Walt piscou os olhos em sinal de perplexidade.

– Então... mas vocês não vivem com os vossos pais?

Franzi o sobrolho.

– Não! Claro que não.

– Então, que idade têm vocês as duas?

– A Mara tem 15 e eu 16.

– Ah... – Walt encolhe os ombros como que aceitando sem perceber e entrega-me o Livro. – Não fazia ideia de que fosse assim tão mau.

– Mau? – perguntei, fitando-o com algum desagrado.

Walt ergueu uma sobrancelha.

– Sim. Não acham mau?

Subitamente, as palavras da minha avó vieram-me à cabeça.

– Então vocês vivem mesmo com os vossos pais? – inquiri um pouco hesitante.

O amor de uma mãe nunca acaba.

Os pais e os filhos não se separam.

Fora assim que descrevera a vida do outro lado.

– Sim – respondeu delicadamente Walt. Parecia dar-se conta do meu espanto. Felizmente, não insistiu.

Sentámo-nos os três na erva, eu no meio de Mara e Walt, com o Livro no colo.

– Li as primeiras páginas – disse. – Não tinham nada de importante, ou que nos fosse útil, neste momento.

Comecei a passar as páginas, com Mara a espreitar, sobre o meu ombro. Do outro lado, sentia o ombro quente de Walt contra o meu, enquanto ele se inclinava mais para a frente para poder ler melhor. Teria de se sentar assim tão próximo de mim?

– Vejam. Fala aqui de liderança – indicou Mara, apontando para um desenho do Diabo Vader, acompanhado de um longo texto. Endireitei o Livro e comecei a ler avidamente.

– O pai do Luke passou para o Lado Negro – lia em voz alta e devagar. – Já não tinha acesso à Força, porque só pensava nele próprio. Abandonara os filhos, tentando reunir todo o poder para ele. Tornara-se um mau líder, por utilizar a Força para reprimir e manipular as pessoas. Perderam a Luz quando a tinham ao alcance. É a colaboração que nos fortalece e não precisamos de líderes para trabalhar em conjunto. – A palavra «colaboração» estava sublinhada a grosso.

Era incrível. Saul parecia mesmo o Diabo Vader.

– É isso! – sussurrou Mara, com excitação. – Era desta página que o Andy falava. Foi isto que leu e, agora, temos provas.

Ainda não podia crer. Tinha passado aqueles anos todos a viver uma mentira e, de repente, sentia-me uma Tola cega, por nunca duvidar do que nos ensinava Saul. A verdade que julgávamos saber não fazia sentido.

– Afinal, não somos assim tão diferentes – comentou Walt. – Nós também acreditamos muito na colaboração. Mas não conhecemos esse tipo Negro, o pai do Luke. O nosso líder é o Guardador dos Livros que descende do primeiro Guardador dos Livros da ilha.

– Vocês também têm um Livro? – quis saber Mara.

Walt ri-se com um toque de fanfarronice.

– Temos mais do que um. São um pouco como este, mas as palavras são mais bonitas. São muito precisas e dão muita informação sobre o Mundo para além das Águas.

Os nós dos meus dedos já estavam brancos, de tanto apertar o Livro e ouvi Mara fazer uma curta inspiração. Não me surpreenderia que decidisse fugir já para Hope Harbor com Walt. Estava morta de curiosidade.

– Existem mesmo provas do outro lado? – perguntei delicadamente.

– Os Livros falam disso – respondeu Walt, encolhendo os ombros. – Não sei se os consideras provas.

– E dizem alguma coisa sobre nós?

– Dizem que os Descrentes se afastaram de nós, por não acreditarem no Mundo para além das Águas. Ou, pelo menos, não acreditam que alguém de lá possa vir ter com eles. Querem ser eles a decidir o seu próprio destino.

– Então, já estivemos juntos? Os Tolos e os Descrentes?

Walt anuiu.

– Noutros tempos, sim.

Apesar de aquilo tudo já me parecer um conto de fadas, começava a acreditar. Hesitante, olhei para a página com a prova que procurava.

– O que havemos de fazer? – perguntei, procurando o olhar de Mara. – Levamos o Livro inteiro ou só esta página?

Mara apertava os lábios, em sinal de apreensão.

– Não sei... Parece-me errado estragar o Livro.

– Não acho boa ideia arrancar uma página para a apresentar como prova – opinou Walt. – Como queres que os outros tenham a certeza de que a tiraste do Livro?

Certo. Esquecera-me de que Walt tinha a mania que sabia.

– Tens razão. Devemos levar o Livro connosco – conclui, olhando de soslaio o rapaz Tolo sabe-tudo.

– Espero que ninguém nos reviste – murmurou Mara.

– Parece-me que vocês as duas já têm um plano. É perigoso, mas ainda bem que já têm um plano – disse Walt, olhando para mim. – Tenham cuidado, sim? – acrescentou, num leve tom de ansiedade.

Concordei lentamente com a cabeça, um pouco perplexa com a sua preocupação.

– Virão a Hope Harbor em breve?

Anui mais uma vez.

– Quando terás tempo para mim?

– Para ti, sempre – respondeu, com um enorme sorriso. – Sou sobrinho do Guardador dos Livros, por isso, todos me conhecem. Basta perguntares pelo Walt.

Tentava não revirar os olhos. Era um Tolo famoso – que sorte a minha!

– Assim farei.

– E, Leia?

– Sim?

– Vê lá se trazes um sorriso, da próxima vez, sim? – pediu ele, em tom de brincadeira e fazendo-me corar.

– Anda, Mara. Vamos – declarei, ignorando aquele último comentário. O estranho sotaque dele ainda me soava nos ouvidos, enquanto percorríamos o trilho de regresso ao solar. Levava um cesto cheio de plantas nos braços e o Livro escondido na roupa interior.

AO ATRAVESSARMOS a propriedade do solar, quase toda ocupada por tendas e cabanas, avistámos Andy ao lado do carvalho, diante da casa. Encostando o dedo aos lábios feridos, para não fazermos barulho, puxou-nos para dentro de uma cabana. Era a de Pete e Tim que estavam fora, a pescar.

– O que disseram ao Ben, esta manhã? – perguntou, denotando tensão na voz.

– Nada – respondeu Mara com um leve sorriso. – Despedimo-nos educadamente e fomos para o bosque de mãos dadas.

– Talvez o tenhamos provocado um pouco – admiti.

Andy lançou um olhar ríspido a Mara.

– Pois estão de parabéns. Já conseguiu convencer o Saul. Deve andar a chateá-lo há tanto tempo que o nosso grande líder deixou de ter paciência e decidiu organizar-vos o casamento. Será esta noite.

O mundo parou de girar. Mara olhou boquiaberta para Andy e eu engoli em seco. Era uma brincadeira. Nunca pensámos que Saul pudesse fazer aquilo.

– É isso mesmo. O Saul quer que te cases com o Ben – informou Andy, olhando furiosamente para Mara.

– Não pode fazer isso! – protestou ela, receosa. – Vai contra as regras.

– Mas ainda não te tinhas dado conta de que o Saul não gosta muito de regras? – comentou Andy.

Branca como um lençol, Mara deixou-se cair na cama instável, no canto da cabana.

– E agora, o que faço? – lamentou. – Não me posso casar com o Ben. Assim que se tornar oficialmente meu marido... – Apesar de não acabar a frase, percebi o que queria dizer. Já seria preciso bem mais do que um murro, para o deter.

Andy agarrou-lhe a mão.

– Foge para Newexter – aconselhou-a. – Fica lá escondida até as coisas mudarem. Depois de confrontarmos o Saul com o que descobrimos...

– Mas onde? – perguntou Mara num tom de voz trémulo. – Não posso confiar nos pais. E os habitantes de Newexter mandam-me imediatamente embora, quando descobrirem que não sou casada. Enquanto não for, não poderei lá estar.

De repente, tive uma ideia.

– Vai ter com a minha mãe. Ela não te manda embora. Tenho a certeza. Também não concorda com o que está aqui a acontecer.

– Mas... – Mara tentava opor-se.

Peguei no meu colar que tinha guardado no bolso das calças. Dentro da noz, estava a mensagem da minha avó.

– Dá-lhe isto e diz-lhe para ler a mensagem. Garanto-te que se a ler, não pensa duas vezes em acolher-te. Até lhe podes dizer... – parei por uns momentos – ... que precisamos cá da ajuda dos pais – conclui delicadamente.

– Onde está o Livro? – perguntou Andy.

Retirei-o de dentro da roupa e entreguei-lho.

– Deves ir já – disse a Mara. – Assim que chegares aos portões, começa a correr e não pares antes de chegar à aldeia. Se ninguém te vir sair, o Ben só dará pela tua falta quando não apareceres no altar.

– Está bem – disse, levantando-se e olhando para Andy que a puxou contra ele e a beijou com tanta paixão que me faz corar.

Mara foi-se embora e fiquei com Andy.

– Esta noite, atacamos – declarou Andy, com uma expressão séria. – Chamo a atenção para mim e conto a todos o que o Saul fez.

– O que pensas fazer?

– O Colin ajuda-me, distraindo os amigos do Saul. Estão sempre de guarda a cada canto do pórtico, onde o Saul faz os discursos, para que ninguém se aproxime dele. Mas quero afastá-lo daí para me pôr lá eu. Só assim posso mostrar e ler o Livro aos mais jovens.

Senti um arrepio percorrer-me.

– És corajoso. Ele vai matar-te.

O olhar de Andy brilhava perante a expectativa do que se passaria.

– Não mata. Se fizer bem as coisas, matam-no a ele, por causa das mentiras todas que nos tem contado.

– Espero mesmo que tenhas razão.

Andy acenou com a cabeça e pousou a mão no meu ombro.

– És maravilhosa, Leia. Ainda não te pude agradecer por teres tido a coragem de roubar o Livro. Graças a ti, o Saul terá de abdicar da sua coroa imaginária.

Senti um enorme orgulho. Poderia não ser a melhor em sobrevivência, mas, pelo menos, era capaz de provocar uma rebelião.

– Não tens de quê – murmurei.

– Vemo-nos logo, na assembleia – despediu-se Andy, saindo da cabana para se dirigir à sua.

Sentia o coração a bater na garganta ao sair, atrás dele. Dirigi-me à cozinha, com os dois cestos empilhados nos braços. Já me sentia nervosa na expectativa daquela noite e ainda nem sequer estava a escurecer. O estômago protestava de fome, mas sentia-me tão apreensiva que seria incapaz de engolir o que fosse. De vez em quando, sondava o território ao meu redor, à procura de Colin, mas não via ninguém. Era provável que estivessem todos a caçar, a pescar ou a colher alimentos. No dia anterior, os cereais já pareciam parcialmente maduros.

Ao entrar na casa do solar, ouvi vozes, vindas do corredor. Saul e Ben estavam a sair da velha sala de jantar. A enorme mesa que lá estava, acomodava 20 pessoas. Quando ainda tínhamos acesso a todas as salas, eu e Colin gostávamos de imaginar os nossos antepassados a fazer lá grandes jantares. Todos juntos: sobrinhos e sobrinhas, filhos e netos e todos os que tinham dado vida à ilha. Da parede acima da lareira, pendiam espadas que, muito embora não emitissem luz como as que Luke e Leia empunhavam na capa do Livro, certamente lhes pertenceriam.

Perguntava-me o que teriam estado a fazer os dois irmãos lá dentro. Já ninguém ali entrava.

– Ó rapazola – gritou Ben, da outra ponta do corredor. – Onde está a tua graciosa namorada?

Mordi a língua. Como adoraria dar-lhe um pontapé entre as pernas e atirar-lhe todas as raízes que tinha no cesto à cabeça. Mas não podia. Ele teria o que merecia nessa noite.

– Foi pescar com o Andy – respondi, evitando o olhar dele.

– Humm... – murmurou Saul. – Quando ela voltar, diz-lhe para ir ter com o meu irmão. Ele tem uma surpresa para ela. – Disse, com um sorriso malicioso.

Era-me impossível não sentir prazer, ao pensar no golpe que o ego de Ben iria sofrer, quando desse pela falta de Mara. Ainda lhe doeria mais do que o murro que levava no nariz aquilino. Sorri-lhe e respondi com doçura.

– Claro que sim, Saul.

Passei por ele e abri a porta da cozinha. As mãos a tremiam-me, ao pousar o cesto em cima da mesa e só pararam de tremer quando fui ao poço, buscar água para lavar os legumes. Aquele pesadelo estava prestes a acabar. Durara tantos anos que certamente o poderia aguentar mais umas horas.

Ao cair da noite, fui ajudar os outros a trazer velas para iluminar o pórtico. Saul gritava-nos, dando ordens para dispormos as velas de ambos os lados das escadas, junto das flores brancas que algumas raparigas tinham trazido.

– O que raio estará ele a tramar? – sussurrou-me Padma que estava ao meu lado, a decorar uma vela enorme com trepadeira. – Será que é desta que vai dar o nó? Isto parece-me um copo de água.

Sem responder, cruzei o olhar com o de Ami, que tentava arranjar os malmequeres. Sabia o que se iria passar naquela noite. Estivera a falar com ela e Colin, depois de cumprir as minhas tarefas na cozinha.

– Quem sabe – respondeu Ami, encolhendo os ombros.

– E quem será a sortuda?

– Não faço ideia. Eu não sou de certeza. Só podemos esperar para ver.

– Quem quer que seja, estou-lhe eternamente grata – comentou Padma, suspirando. – O Saul é um perfeito monstro. Já estava na altura de ir para Newexter.”

Seria bom.

Quando o sol se afundou na linha do horizonte, acendemos as velas. Estava tudo em silêncio. Não se ouvia uma brisa e os grilos pareciam ter-se calado, como se estivessem à espera de qualquer coisa. O mundo aguardava a grande mudança que ocorreria naquela noite, sob as estrelas.

No extremo da propriedade do solar, por detrás de uma tenda de armazenamento, Colin esperava. Ele e Pete tinham feito tochas para pegar fogo a uma parte do campo. Pete já espalhara óleo pela erva seca para que o fogo se propagasse rapidamente. Assim que as chamas deflagrassem, apareceriam os dois, acusariam Saul de ser mentiroso e fraudulento e insistiriam com ele para que se afastasse da liderança. Tínhamos esperança de que os guarda-costas se distraíssem, permitindo a Andy passar, deixar Saul inconsciente e ler o Livro, sem censura, ao grupo. Com um pouco de sorte, nenhum dos amigos do líder ousaria calá-lo diante de toda a gente.

Todos em silêncio, esperávamos que acontecesse alguma coisa. Então, a porta abriu-se e Saul entrou no pórtico, seguido dos companheiros musculados. Com um sorriso malicioso, Ben colocase à direita do irmão, ao lado de uma das colunas. Apesar disso, também se mostrava um pouco ansioso. Ainda não tinha visto a noiva. Mara não demonstrara qualquer interesse pela sua «surpresa».

– Caros presentes – começou Saul a falar, quebrando o silêncio.
– Esta é uma ocasião especial. Duas pessoas irão unir-se pelo matrimónio, perante a vossa assistência. Que a Força esteja neles.

Era evidente que Saul não podia sacar do Livro para ler dele, por isso, com certeza que dava graças por aquela distração. Assim, ninguém teria curiosidade em saber porque não o tinha ali. Queriam todos saber quem se iria casar.

Do canto do olho, via Colin e Pete aproximar-se. As tochas, brilhavam no escuro.

– Mas, antes, temos outra coisa no programa – continuou Saul.

A porta principal abriu-se e apareceram Max e Cal, a arrastar Henry algemado. Cal empurrou-o, fazendo-o tropeçar e cair de joelhos, diante de Saul.

Oh não! O que seria aquilo?

– Este Tolo – gritou Saul, ruborizado e apontando o dedo a Henry, num tom acusatório – passou o Muro. Invadiu-nos a comunidade para espalhar mentiras. Diz que o nosso Livro não passa de fantasia. Que o Luke e a Leia nunca existiram! – exclamou, num tom dramático. – Aliás, chega mesmo a teimar que vem do outro lado dos mares.

As suas palavras provocam uma onda de choque na multidão – eu própria fiquei chocada. Fantasia? Estaria aquele homem do Mundo para além das Águas a tentar dizer-nos que os nossos antepassados não eram reais?

Fiquei petrificada, a observar a cena desenrolar-se. Saul deu um pontapé a Henry e pediu a Cal e Max para se juntarem a ele.

Traziam as espadas da sala de jantar.

– Quer destruir o nosso mundo – gritou Saul, com uma expressão enfurecida e os olhos a brilhar. – Quer pôr a minha liderança em causa e semear a dúvida em nós com a sua conversa de Tolo. Mas não vou deixar que isso aconteça.

Cal deu um passo em frente. Vendo Henry a suar, senti o coração acelerar e a garganta secar, pois percebi que aquela situação se estava a descontrolar.

Sem conseguir dizer nada, observei Max posicionar-se do outro lado de Henry, erguendo a espada no ar. Estávamos todos abismados. Ninguém avançava ou proferia uma só palavra, mas o medo era palpável.

Foi quando Saul se afastou para abrir caminho aos carrascos dele, que consegui, por fim, despertar do torpor.

– Não! Esperem! – gritei. – Vocês não percebem!

Mas era demasiado tarde. O sangue de Henry já começava a escorrer, depois de Cal e Max lhe espetarem as espadas, produzindo um ruído seco. O sangue deslizava pelas escadas. Com as pálpebras semicerradas, Henry cedeu e bateu com a cabeça no mármore.

Olhei à minha volta, em pânico. Quando começava a perguntar-me onde estaria o meu irmão, vi-o chegar com Pete. Os dois lançaram as tochas para a erva seca que começou imediatamente a arder.

– Mentiroso! – gritaram a Saul. – Escondeste-nos coisas!

Por milésimos de segundo, Saul parecia fora de si, mas rapidamente se recompôs e esboçou um sorriso irónico. Os guardas nem o tentavam proteger, porque estavam ocupados a arrastar o corpo de Henry.

– Mentiroso, eu? – perguntou, furioso.

– Tens-nos mentido! – acusou Colin. As pessoas, no entanto, não pareciam acreditar nele. O nosso plano não estava a funcionar.

Saul ri com desdém.

– Espera lá. Acreditas mesmo no que dizia aquele homem? – inquiriu, desafiando Colin. – E se te déssemos o mesmo tratamento?

O nosso plano estava literalmente a pegar fogo. Ouvia as pessoas murmurar e olhar com embaraço para Colin e Pete, como se fossem eles os mentirosos.

O meu irmão empalideceu, procurando desesperadamente Andy que aguardava do outro lado do pórtico. Ainda nem se mexera. Então, olhou para mim.

Seguindo-lhe o olhar e franzindo muito ligeiramente o sobrolho, Saul recordou-se que eu fora a única pessoa a opor-se à execução sumária de Henry. Num tom de voz frio e seco, ordenou aos guardas:

– Prendam-na.

Por breves momentos, o tempo pareceu abrandar, enquanto olhava boquiaberta para Saul, sem me conseguir mexer.

– Foge, Leia! – gritou Colin. – Já!

Ao despertar do torpor em que estava novamente mergulhada, desatei a correr como o vento. Nem sequer pensava onde me poderia esconder ou no quanto era egoísta, ao deixar o meu irmão enfrentar aquela situação sozinho. Ele tinha razão em mandar-me fugir. Se Saul me apanhasse, o mais certo seria matar-me também. Enlouquecera. Tinha de sair da propriedade e de desaparecer na escuridão da noite, o mais depressa possível.

Entrei na floresta escura, correndo por entre os ramos que me arranhavam as faces. A lua ainda era apenas uma pequena tira branca, no céu noturno e pouco fazia para me iluminar o caminho. Por outro lado, assim, seria mais difícil encontrarem-me.

Só ao chegar ao Muro é que me apercebi de que era mesmo para lá que me dirigia. Fora ali que encontrara Walt. Os amigos de Saul não estariam longe, por isso, tinha de ser rápida. Como um esquilo, trepei a uma árvore ao lado do Muro e sem hesitar, saltei para o outro lado da barreira.

Continuei a correr, sem saber o que tinha pela frente. Estava em território desconhecido, num mundo estranho onde Saul temia entrar. Para ali, não me seguiria.

Estava na Terra dos Tolos.

QUANDO, por fim, avistei as primeiras casas de Hope Harbor, à distância, parei de correr. Aliás, já seguia aos tropeções, com os pés feridos e ensanguentados da fuga frenética pela floresta. Corriam-me as lágrimas pelas faces. Apesar de não acreditar que Saul me seguisse até àquele lado do Muro, não queria abrandar o passo.

Abordei o primeiro homem que encontrei.

– Walt – digo, lutando para recuperar o fôlego. – Onde está... Walt. O sobrinho do Guardador dos Livros.

– Céus, rapariga! O que te aconteceu? – perguntou o idoso, espantado e passando-me o braço pelos ombros. – Porque não te sentas um pouco, primeiro, querida? Já vou chamar o Walt à reunião onde ele está.

Sentei-me no banco de madeira para onde o homem me dirigiu, debaixo de um candeeiro de rua, ao lado de uma casa. Sentia o coração bater com força no peito e o cabelo encharcado de suor. Se pudesse fazer um desejo naquele momento, seria descansar quatro horas, ali sentada, e deixando o mundo girar, mas sabia que não poderia fazê-lo. Se Walt estava numa reunião ainda seria melhor. Poderia pedir a todos os que estavam com ele para o ajudar. Para *me* ajudar. Tinha de salvar Colin, Andy e Pete. Se é que eles ainda estavam vivos.

Depois do que me pareceu uma eternidade, o meu salvador regressou com Walt que me olhou espantado.

– Leia? O que aconteceu? Estás sozinha? Onde estão os teus amigos?

Comecei a chorar desesperadamente, encostando a cara ao ombro de Walt, assim que ele se sentou ao meu lado.

– Ele está morto – disse, soluçando.

– Quem?

– O Henry. Eles... O Saul matou-o.

Walt susteve a respiração. Ansiosa, ergui o olhar e vi-o contrair os maxilares.

– Basta! Vamos intervir – decidiu. – A tua amiga ainda lá está? A Mara corre perigo?

Sacudi a cabeça.

– A Mara partiu esta tarde. Teve de fugir, porque o Saul se preparava para a casar com o irmão dele. Mas o meu irmão ainda lá está. E o Andy e o Pete... os nossos amigos que me ajudaram. Queríamos confrontar o Saul com as mentiras dele, mas as coisas descontrolaram-se.

– Achas que ele... – Walt interrompeu-se, deixando-me subentender o resto.

– Sim – sussurro.

Gritando palavras com um som um pouco grosseiro que presumia serem específicas do seu dialeto, levantou-se.

– Tenho de reunir ajuda. Aposto em como o Tony também quer vir.

– Espera – pedi. – Se queres atacar o solar e capturar o Saul, o melhor é pedires ajuda em Newexter. A Mara já deve ter contado o que se passa à minha mãe. Acho que os pa... que os *nossos* pais queriam vir ajudar-nos. E conhecem os cantos à casa.

Walt anuiu.

– Precisamos de toda a ajuda que pudermos arranjar. Como podemos chegar à tua aldeia sem ser vistos?

– Poderíamos ir de barco – sugiro eu, depois de refletir um pouco. – Se contornares a ilha, podes entrar pela praia a leste e daí chegar a Newexter. Há uma estrada de ligação, porque os pais vão lá muitas vezes pescar.

– Um barco? Assim será.

– Podemos ir já?

Walt sorriu para me tranquilizar.

– Sim, logo que seja possível. Primeiro, temos de pedir a um dos capitães que prepare um barco suficientemente grande para levar muita gente. Já sei que barco utilizar.

– Estás a pensar no *Explorer*? – inquiriu o idoso que ainda estava connosco.

Walt acenou afirmativamente com a cabeça e agarrou na minha mão, levando-me com ele para o resgate que me prometera. Enquanto caminhávamos, contei-lhe um pouco como era a vida, do nosso lado do Muro. Enquanto isso, atravessávamos inúmeras ruas, cheias de casas que pareciam bem mais robustas do que as

nossas. Havia candeeiros em todo o lado e quase todas as estradas eram pavimentadas. Nunca mais acabavam. Hope Harbor era maior que Newexter... muito maior.

– Quantas pessoas vivem aqui? – acabei por reunir coragem para perguntar.

– Cerca de mil – respondeu Walt.

– Ah – de repente, sentia-me uma simplória, naquela cidade. Vinha de uma aldeia, com cerca de 200 habitantes e o grupo que vivia no solar era composto por apenas 51 jovens. Era o maior grupo de pessoas em que estivera, nos seis anos anteriores. Ali, era tudo assoberbante.

Fazendo silêncio, segui caminho ao lado do rapaz que apenas dois dias antes tomara por um Tolo e que, afinal, era bem mais culto do que eu.

– Como estás? – perguntou Walt, interrompendo-me os pensamentos. – Não ando demasiado depressa, pois não?

Sacudi a cabeça.

– Comigo não há quem ande demasiado depressa. Estava só a pensar – respondi delicadamente.

Walt coloca o braço à minha volta.

– Sobre o quê?

– Sobre como tudo é diferente aqui. Como é possível vocês serem tantos e termos sempre vivido separados – expliquei, olhando para Walt. – Descobri que sou parte Tola também, sabias? A minha avó nasceu aqui.

– A sério? – perguntou Walt, erguendo uma sobrancelha. – Não admira que pareças um pouco aluada, de vez em quando.

– Olha quem fala – ripostei.

– E deixa-me que te diga que, aparentemente, os Tolos são irresistíveis para os teus – continuou Walt, imperturbável – porque o teu avô se casou com ela em segredo, não foi?

Aquilo fez-me pensar. Como o teriam conseguido fazer? Teria Toja passado o Muro um dia e encontrado o meu avô, da mesma maneira que eu encontrara Walt? Talvez o meu avô a tivesse levado em segredo para Newexter, dizendo que a trazia do solar e que os pais dela tinham morrido. Por vezes, os jovens mudavam tanto entre os dez e os 18 que já ninguém os reconhecia, quando regressavam.

E, tanto quanto sabia, ninguém dissera à minha mãe que a mãe *dela* não era de Newexter.

– Pergunto-me porque terá fugido... – murmurei.

Walt abranda.

– Há pessoas daqui que não aguentam a espera. Cansam-se de esperar uma vida inteira que apareça alguma coisa no horizonte.”

– É nisso que acreditam os teus? – inquiri, pasmada.

– Sim. E olha que até tínhamos razão, porque a verdade é que apareceu *mesmo* uma coisa no horizonte. Duas pessoas num barco, vindas do Mundo para além das Águas, com ótimas notícias. Mas uma delas teve de pagar com a vida.

– Lamento – de alguma maneira, e muito embora Saul fosse evidentemente uma pessoa desequilibrada, eu própria me sentia envergonhada com o que sucedera.

– Olha – começou Walt, parando e olhando para mim com uma expressão sincera. – A culpa não é tua, está bem? Pelo menos tentaste travá-lo.

– Ainda quero travá-lo – declarei, destemidamente. – Aliás, quero acabar com *tudo*: as mentiras e a miséria. Quero saber a verdade, de uma vez por todas. Se o Henry tiver razão, o nosso modo de vida baseia-se em mentiras. Temos de saber a verdade.

– Não sei se os teus estarão preparados para ouvirem essa verdade. Não é fácil converter um Descrente.

– Então, cabe ao Tony convencê-los. Tem as coisas facilitadas. Não o consideram o Portador de *Ótimas Notícias*? – O meu sarcasmo leva-me a destilar veneno, nas minhas palavras. Estava farta de Walt, com os seus preconceitos parvos.

Com um ar subitamente mais grave, pousou-me a mão quente no ombro.

– Desculpa, Leia. Não devia ter dito aquilo.

– Por não – retorqui, agressivamente. – Mas continuemos, sim?

Afastando-lhe a mão do meu ombro, apressei o passo. Ainda me fazia confusão sentir-lhe o toque.

Quando finalmente chegámos ao porto que dava o nome à terra^[1], detive-me. O mar que ali entrava, era abraçado pelas paredes rochosas de uma baía abrigada. Via um gigantesco cais. O porto inteiro era iluminado por candeeiros e chamas que ardiam em torres de pedra erigidas dos dois lados.

– O que são aquelas torres? – perguntei, curiosa.

– São torres de vigia – explicou Walt. – Postos de observação para podermos estar atentos ao mar. Têm sempre gente e o fogo numa se extingue.

À espera de salvação vinda do exterior. Eternamente a olhar para o mar, na esperança de que, um dia, alguma coisa ou alguém aparecesse. De repente, percebi por que razão a minha avó queria fugir daquilo tudo. Pairava a inércia no ar – uma sensação de futilidade e de adiamento. Já entendia porque é que os nossos antepassados lhes chamavam Tolos.

– E o que é aquele barco, ali? – perguntei, apontando para um navio com três mastros, completamente feito em madeira e ancorado na doca. Já tinha visto um navio daqueles uma vez, mas mais modesto, com um só mastro. Mas aquele... era um navio para navegar e nunca mais voltar.

– Esse é o *Explorer* – explicou Walt, com um enorme sorriso. – O navio que o meu pai ajudou a construir. Até o próprio Guardados dos Livros ajudou. Íamos navegar nele, em breve.

Fitei-o.

– Iam onde?

Walt aponta para a imensidão do mar, sem dizer nada, por bastante tempo.

– Para lá do horizonte. Ver com os próprios olhos o que nos prometeram – acabou por dizer.

FOI ATRAVÉS de uma prancha bamba que entrámos no navio. Walt tinha conversado no porto com o Guardador dos Livros que lhe prometera trazer homens para o ajudar na sua nobre causa. Pelo menos 100. Saul e o pequeno exército não teriam hipóteses contra nós, mas seríamos capazes de ganhar a corrida contra o tempo? Estariam Colin, Andy e Pete vivos, quando lá chegássemos?

Ao leme, vi o capitão a falar com um homem muito alto, de tez escura e cabelo negro. Walt nem precisou de me dizer quem era. Devia ser Tony. Era diferente de todas as pessoas que alguma vez vira. Não tinha a pele escura por trabalhar ao sol; era uma tonalidade naturalmente da cor da areia molhada.

– Não imaginava que ficasses impressionada com ele – gracejou Walt. Talvez estivesse a fixar Tony indiscretamente.

– É que ele parece tão... *do outro mundo* – expliquei, corando. – Tão bonito.

– Humm...

Olhei de lado para Walt. Teria ele ciúmes?

– Mas também fiquei bastante impressionada contigo, da primeira vez que te vi. Com esse cabelo louro claro e assim – disse com alguma indulgência.

– Não ficaste a olhar para mim como se estivesse hipnotizada.

– Ora, como é que sabes? Estava demasiado escuro para me veres a cara.

– Ah, então, sempre ficaste encantada com a minha evidente beleza? – diz Walt, sorrindo. Já começava a detestar o facto de gostar de o ver sorrir. Era o típico sorriso de um rapaz habituado a que gostassem dele e o admirassem; Walt, o arrogante sobrinho do Guardador dos Livros.

– Não. Não fiquei encantada – respondi em tom de desafio. – Estava muito assustada, sim? E ainda estou. O mais provável é o meu irmão ter sido ferido ou, até, morto, e aí estás tu, a namoriscar comigo como se nada fosse. Só porque te achas tão *desejável* e... e por julgares que uma rapariga Descrente te ficaria bem na lista de conquistas – ripostei, agressivamente.

– E aí estás tu, nada encantada – murmurou Walt, num tom desgostoso. Nessa altura, olhou-me nos olhos, como se me quisesse ver a alma e, para minha grande irritação, não conseguia evitar que as minhas faces corassem.

– Vou falar com o Tony – disse eu, interrompendo abruptamente a conversa, para me dirigir ao capitão do *Explorer* e ao homem que vinha das terras para além das Águas. Aguardei pacientemente que acabassem de conversar.

Quando o capitão se foi embora, para o castelo de proa, Tony voltou-se e encarou-me.

– Deves ser a rapariga com o caderno da *Guerra das Estrelas*.

Pisquei os olhos, olhando para ele, sem perceber.

– Desculpe... Como?

– O livrinho com o Luke e a Leia na capa – esclareceu.

– Sim – confirmei, hesitante. – Sim, sou eu.

Um livrinho? Seria assim tão pequeno?

Encostando-se ao corrimão do navio, olhou para mim, com uma expressão pensativa.

– Pois bem... o que queres saber?

Tinha de pensar bem. Aquele homem alegava conhecer os nossos antepassados, mas Henry dissera que a nossa filosofia de vida se baseava numa história que não era verdadeira. Nem sabia por onde começar.

– Fale-me do Mundo para além das Águas – acabei por perguntar. – Como é? Como são as pessoas que vivem lá? Porque nunca soubemos nada sobre a vossa existência?

– Esse mundo esteve muito tempo destruído – começou Tony a contar lentamente. – Antes, estava cheio de gente. Eram sete mil milhões de pessoas, todas à procura de um lugar ao sol. Umas tinham muitas posses e outras passavam fome. Havia, portanto, muita inveja. Aliás, as pessoas tinham tanta inveja que se organizaram em grupos grandes para se combaterem em guerras.

– Guerras com tanta gente? – perguntei, sem sequer conseguir imaginar o que seriam mil milhões de pessoas, mas a expressão de Tony indicava-me que era muito mais do que conseguiria imaginar.

– Nem todas se envolveram. Os líderes desses territórios, os países, é que decidiam quando e como faziam guerra, mesmo que a

maioria da população do país não concordasse.

– É um pouco como o nosso líder – murmurei.

Tony anuiu, solenemente.

– Sim, tal como ele. Eram todos homicidas, sedentos de poder e tinham sempre – *sempre* – medo de perder o poder. Era assim, até há cerca de 150 anos, quando o líder de um dos maiores países soltou um vírus mutante na terra. Chamavam a isso guerra biológica. Não utilizou armas para matar as pessoas, mas micróbios.

– Porquê?– perguntei, completamente chocada. – Assim, não mataria indiscriminadamente *todas* as pessoas, mesmo o seu próprio povo?

– Não, porque julgava que manipulara o vírus de forma que não atacasse a sua própria gente. Pelo menos era essa a ideia. Em consequência, todos os adultos morreram e as crianças mal foram afetadas pela infeção.

– As crianças... – murmurei, engolindo o nó que sentia na garganta. – Até que idade?

– Segundo a informação que a minha família foi passando pelas gerações, até aos dez ou onze.”

Era a idade a que nos tornávamos adultos. Seria apenas uma coincidência? Respirei fundo.

– E depois?

Tony fitava o nada.

– As pessoas fizeram o que puderam, para tentar combater a infeção: roupa especial para conter o vírus e espaços estanques com ventilação especial. Lamento se não entendes do que falo; o teu mundo certamente que não conhece essas coisas. Basta dizer que a humanidade lutou corajosamente mas em vão. A única maneira de escapar ao vírus era deixando o território continental. As pessoas fugiram todas para a costa. Queriam fugir para longe em barcos onde só deixariam entrar pessoas não infetadas, na esperança de que o vírus não pudesse atravessar as águas. Foi assim que algumas pessoas sobreviveram. Mas muitas morreram também com as bombas.

– Que bombas? – sussurrei.

– Enormes armas capazes de destruir cidades ou países inteiros. O líder de outro país mandou largá-las em todas as grandes cidades

do país que desenvolveu o vírus. Depois disso, a guerra continuou de ambos os lados, até acabarem as bombas ou já não existir quem as lançasse. Nessa altura, começaram a cair as chuvas tóxicas.

Senti um arrepio. Então, a verdade era aquela. A ilha era um paraíso, comparando com o que havia para além das Águas.

– Mas já acabou tudo – garantiu-me Tony, ao reparar na minha expressão de desilusão. – Passaram 150 anos e os sobreviventes e respetivos descendentes conseguiram construir um mundo melhor. Vivemos espalhados e não nos incomodamos uns aos outros. Só nos reunimos para partilhar conhecimentos e mais nada. É assim que evitamos os conflitos.

Apesar de só termos falado por breves momentos, sentia-me como se tivesse dez anos. Talvez não estivéssemos sós, mas era como se estivéssemos. A nossa ilha não passava de um pontinho insignificante no mapa de um mundo enorme que não conhecíamos de todo; uma pequena estrela, junto de uma esplendorosa lua cheia, no céu noturno.

Isso levantava outra dúvida.

– Como é que o Tony e o Henry conseguiram chegar à nossa ilha?

– Os vossos antepassados deixaram uma mensagem que não se poderia perder – explicou Tony, num tom misterioso.

Antes de lhe poder pedir para se esclarecer, Walt aproximou-se de nós.

– O Guardador dos Livros encontrou homens dispostos a lutar – informou ele, apontando para o porto. – Agora precisamos que nos orientes, Leia.

Nas docas, avistei um grande grupo de pessoas, que embarcavam, uma a uma, pela prancha do *Explorer*. Eram homens que se tinham reunido para nos ajudar a livrar-nos de Saul de uma vez por todas, mas que, ao fazê-lo, também nos destruiriam o modo de vida.

Por mais doloroso que isso fosse, achava que estava na altura.

Chegara o momento da verdade.

-13-

O NAVIO cortava suavemente as ondas. Embora as águas estivessem calmas, sentia as pernas cederem e preferia agarrar-me ao corrimão. Ou talvez me sentisse assim, por estar nervosa.

Walt juntou-se a mim e ficámos a ver as estrelas contra o céu escuro, em silêncio.

– Desculpa – acabou por dizer, mostrando-se verdadeiramente arrependido.

– Porquê? – quis saber.

Um pouco atrapalhado, cobriu-me os dedos com os dele, agarrando o corrimão.

– Aposto em como me tomas por arrogante e vaidoso.

– Na verdade, sim. Um pouco – admiti.

– Oh... – disse, entristecido.

– É o que mostras ser.

– Pois é.

– Mas lamentas?

– Sim, porque não sou nada assim – declarou, respirando fundo.

– Só não sei como estar ao pé de ti. É por isso que me armo em bom.

Não estava nada à espera daquilo. Nervosa, fixei-o.

– Pois... Reconheço que também me sinto assim, ao pé de ti. É por isso que sou agressiva.

Walt anuiu lentamente. Víamos a linha costeira aproximar-se à nossa esquerda. A «bombordo», como dizia o capitão. Estávamos quase na praia de leste e o momento da verdade impunha-se.

– Ficarás ao meu lado, quando desembarcarmos? – perguntou delicadamente.

– E corro o risco que te armes em bom? – retorqui, entre a brincadeira e o embaraço.

– Tentarei conter-me – garantiu, sorrindo.

– Então, está bem.

Envolvendo-me com um braço, puxou-me contra ele e deu-me um beijo suave na testa, antes de se afastar para se dirigir ao

capitão. Ainda lhe sentia o cheiro, enquanto o observava a afastar-se. Cheirava bem.

O capitão estava ocupado a dar ordens aos timoneiros para se aproximarem ao máximo da terra, antes de largarem a âncora. Tínhamos de desembarcar em barcos mais pequenos ou corvetas, como Walt lhes chamava. O tempo parecia arrastar-se, até chegarmos à margem leste. Não saber o que acontecera a Colin e aos outros fazia-me sentir a anos luz deles. Naquele momento, poderiam estar a fazer-lhes de tudo e não conseguia evitar que os pensamentos mais horríveis me passassem pela cabeça.

Quando finalmente partimos em direção a Newexter, liderei todos a passo rápido. A floresta era negra à noite, mas conhecia-a como à palma da mão. Não se via nada e sentia uma certa tensão no ar, a caminho da aldeia. Ainda antes de chegarmos à minha velha aldeia, já sabia que se passava alguma coisa. Apesar da hora tardia e da falta de luar, estavam todos acordados. Ouviam-se vozes exaltadas, vindas da praça da aldeia. As pessoas tinham acendido fogos por toda a parte e, ao chegar à praça central, seguida do exército do Guardador dos Livros, o Ancião apressou-se a vir ao meu encontro, com a minha mãe ao lado.

Ficou boquiaberto, ao ver os outros.

– Quem são esses?

– São Tolos – respondi. – Vieram ajudar-nos.

A minha mãe puxou-me pela mão e deu-me um abraço carinhoso.

– Ainda estás viva – balbuciou. – O Colin não sabia se tu...

Colin.

– Onde é que ele está? Está aqui? Conseguiu fugir?

A minha mãe anuiu.

– Ele e o Pete vieram ter connosco o mais depressa que conseguiram e, pouco depois, chegaram os outros jovens. O teu irmão não sabia se tinhas conseguido fugir aos guardas do Saul e estava muito preocupado.

– E o Andy? – perguntei, olhando à minha volta. – Onde está o Andy?

– Não conseguiu... – respondeu a minha mãe, sacudindo a cabeça.

– O quê? Ele... – quis saber.

– Está no solar – adiantou o Ancião. – O Saul mantém-no como refém. Fomos lá, mas recusa-se a abdicar da liderança. Diz que se atacarmos, o Andy morre.

– E agora, o que fazemos? – perguntou Walt, calmamente, colocando-se ao meu lado. Estava mesmo a tentar apoiar-me.

Comecei a respirar fundo, olhando à minha volta, para o círculo de pessoas que se tinham reunido para ouvir a conversa entre mim e o Ancião. Vi Mara, com os olhos vermelhos e inchados, de tanto chorar por Andy. A minha mãe, olhava-me, com uma expressão expectante. Nunca ninguém *me* procurara para aconselhamento e era bom. Parecia-me certo. Eu é que começara aquilo e era eu que tinha de acabar.

– Sugiro que voltemos à casa e tentemos arrombar as portas e as janelas. Fazemos isso, até que Saul fique sem escolha e tenha de soltar o Andy e render-se. Caso contrário, fazemo-lo sair pelo fogo – propus, dirigindo o olhar para as tochas que os aldeões tinham nas mãos. As chamas bruxuleantes conferiam à praça uma atmosfera macabra. – Pegamos fogo à casa.

– Pegamos fogo ao solar? E onde viverão os jovens? – gritou a mãe de Mara.

– Aqui – respondi, apontando para a minha envolvência. – Viverão aqui, convosco, na aldeia. Devemos ficar todos juntos.

Não poderia dizer como o sabia, mas sabia-o. Tony Explicaria tudo mais tarde. Naquele momento, o importante era perceberem que deveríamos estar juntos e apoiar-nos uns aos outros. No fundo, fora sempre essa a minha esperança. Nunca o dissera em voz alta, como Colin, com medo que me ridicularizassem ou, pior, que ficassem desiludidos comigo. Tão desiludidos como eu, quando a minha mãe não me olhara nos olhos, na manhã em que saí de casa. Mas, já não se tratava de esperança e sim de fé. Acreditava no que dizia e que era uma verdade que vinha de dentro. Uma verdade que não me fora ensinada mas que eu aprendera.

Quando os homens da aldeia se juntavam ao exército do Guardador dos Livros, Colin veio ter comigo a correr.

– O Andy não conseguiu esconder o Livro – informou ele, num tom desanimado. – Acho que o Saul o recuperou. Talvez até o tenha

destruído.

– Isso já não importa nada – respondi. – O Tony disse-me que os nossos antepassados nos deixaram uma mensagem que nunca se perdeu nem nunca se perderá.

– A sério? Que tipo de mensagem?

– Acho que ele o explicará.

Pouco depois, partimos em direção à casa onde passara os últimos seis anos da minha vida. Detestava admiti-lo, mas sentia alguma excitação ao imaginá-la em chamas. Era mais uma prisão do que uma casa, mesmo que Luke e Leia lá tivessem vivido. Tenho a certeza de que não estariam de acordo com nada do que se passara lá.

A floresta estava estranhamente silenciosa, apesar de sermos mais de 200 a atravessá-la. Ninguém falava. Só quando se avistou a casa é que os nossos «soldados» começaram a murmurar. Todos se apressaram, como se fôssemos um só, com centenas de tochas e a praguejar em voz baixa. Em breve chegámos à entrada da casa e o Ancião avançou.

– Saí cá para fora, Saul! – ordenou, num tom firme. – Acabou. Não podes ganhar.

Nada aconteceu.

Foi então que uma pedra me rasou a cabeça e bateu contra a porta da casa, produzindo um som seco. Parecia assinalar um ataque imprevisto, porque não tardaram a ser lançados mais projéteis: ramos, pedras e tochas a arder.

– Parem! – pediu o Ancião, ao ver a porta entreabrir-se por fim. – Vem aí alguém.

Vimos Saul sair, lívido, com Andy, com os braços e os pulsos atados. Saul segurava na corda que o atava com uma mão e uma das espadas ensanguentadas da sala de jantar, na outra.

– Se cair, o Andy cai comigo – gritou, agressivamente. – Se me tocarem com um dedo, juro que ele não sobrevive.

– O que julgas que estás a fazer, Saul?– Tentei convencê-lo. – O que achas que consegues com isto? Porque lutas?

Saul fitou-me com um olhar mortífero.

– Este é o *nosso* mundo – reclamou, com a voz a fraquejar. – Um mundo sem ajuda ou apoio dos outros. Um mundo sem pais. É

essa a verdade. E ninguém nos pode dizer o contrário. Ninguém *me* pode dizer o contrário.

– Isso não é verdade – argumentei. – Os pais estão aqui por nós.

– Os teus, talvez – respondeu ele bruscamente. – Não tenho ninguém. Estou sozinho.

Tinha razão. Só então me lembrei de que Saul e Ben não tinham pais. Eram órfãos. Ninguém cuidara realmente deles. Nem sequer ninguém de Newexter os tentara defender, quando eu sugerira que levássemos armas e pegássemos fogo à casa.

– Não estás sozinho – interveio calmamente Tony. – Ninguém está. Dando uns passos à frente, voltou palmas das mãos para a frente, em sinal de paz. – Deixa-me falar-te dos teus antepassados. Amavam-te. Não queriam que alguma vez fosses esquecido.

– O que queres dizer com isso, em nome de Luke? – resmungou Saul, franzindo o sobrolho. – Como é que sabes?

– Sei mais do que tu.

Saul corou.

– Vieste cá contar mentiras, tal como o outro visitante das terras para além das Águas? Sabes o que lhe fizemos por nos ter mentido?

Tony anuiu.

– Sim, sei. E também sei que agiram assim por medo e que não deixarás de ter medo, por mais pessoas que mates com essa espada.

Fez-se silêncio. As palavras de Tony pareciam ter sido certas. Deixando descair um pouco os ombros, Saul mostrava-se confuso.

Aproveitando aquele momento de hesitação, Tony sacou do bolso um estranho aparelho com botões. Saul observava-o, desconfiado. Quando premiu um pequeno botão verde, começámos a ouvir uma voz fininha. Saul ficou estupefacto. A voz falava numa linguagem arcaica, ainda mais antiquada do que a que falavam os nossos avós, em Newexter. Era acompanhada de estalidos e silvados, mas percebia-se bem.

«Quem quer que sejam, ouçam isto. Venham a Penzance. Os nossos filhos fugiram para Tresco de barco. Precisamos de ajuda. Estão todos doentes. Por favor, peço-vos que salvem os nossos filhos. Não os abandonem.»

Aquele nome... Conhecia-o. Tresco. Vinha mencionado no Livro. Um nome de um local antigo que quase nunca referíamos. Seria uma voz do passado?

Ao acabar, a mensagem recomeçava. Tony desliga o aparelho e fixa Saul com um ar grave.

– É a voz de um dos teus antepassados. Um homem que já não podia fazer a viagem para se juntar aos filhos, nesta ilha e que decidiu emitir esta mensagem pela radio. Tinha a esperança de que alguém a ouvisse e pudesse ajudar os filhos. E aqui estou eu... 150 anos depois.

– O que... o que é isto? – tentava perguntar Saul, já gaguejando. Não o censurava. Também não tinha palavras.

Então, cedeu e ajoelhou-se, largando a espada que caiu ruidosamente na tijoleira.

Aproveitando aquela oportunidade, Andy saltou pelas escadas e Mara apressou-se a ir desatá-lo. Olhava apreensiva para Saul, mas ele não parecia prestar atenção ao prisioneiro, fitando a caixa que Tony tinha nas mãos.

– Posso ouvir outra vez? – pediu num tom tão reverente que comecei a vê-lo com outros olhos. Era um menino e não um cruel ditador.

Enquanto Tony reproduzia a mensagem, fui ter discretamente com Saul e apanhei a espada. Fosse um menino ou não, todo o cuidado era pouco.

Ouvimos a mensagem vezes sem conta. Ben, Max e Cal saíram da casa. Os homens de Newexter espetaram as tochas no chão e sentaram-se. Quando Tony desligou, por fim, o aparelho, alguns tinham lágrimas nos olhos.

O Ancião aclarou a garganta e limpou as faces.

– Conta-nos o que aconteceu às pessoas que deixaram isto.

E Tony contou. Contou-nos acerca da viagem que fizera com Henry, em busca da origem da mensagem de rádio que apanhara certa noite numa frequência antiga. Parecia um conto de fadas. A chegada a Penzance, que era uma velha cidade costeira abandonada. A mensagem automática que não parava de passar, graças à energia solar. Os velhos registos e diários com as páginas

amareladas que tinham encontrado no porto e cheias da nossa história.

– Havia um grupo de 50 crianças saudáveis e os pais estavam a fugir da cidade de Exeter – explicou Tony. Já utilizava o pátio como uma espécie de palco para se dirigir aos presentes. – Os pais desceram às margens de Penzance e enviaram os filhos para Tresco, de barco. Era uma ilha que outrora pertencera a um homem rico que já morrera com a doença. O barco não era grande; só acomodou 50 pessoas, alguns animais e uma pequena seleção de livros úteis. O capitão deveria deixar as crianças e a carga e voltar logo para ir buscar as restantes pessoas ou, pelo menos, os adultos que ainda não apresentassem sintomas da doença. Mas nunca regressou e nunca mais se avistaram quaisquer outros barcos. Os pais das crianças adoeceram todos gravemente e acabaram por morrer. A última página do diário mais recente foi escrita pelo pai de um menino que fora levado para Tresco. Foi ele que gravou esta mensagem que vos mostrei, com a esperança de alertar outras pessoas para a existência daquela ilha cheia de crianças à espera dos pais.

– Quais foram as suas últimas palavras? – perguntou delicadamente o Ancião. – Nesse diário?

– A última coisa que escreveu foi a expressão, «que a Força esteja com eles», provavelmente por esse menino gostar das histórias a que pertence. – Tony baixou o olhar. – E o vosso Livro... deve ser com certeza o diário desse menino. Pode ser um caderno que trouxe com ele para a ilha e onde escreveu as suas próprias histórias, baseadas no que lhe acontecera. Estava a escrever um livro para encontrar coragem e encorajar os outros à sua volta, dizendo-lhes que a Força estaria sempre com eles, mesmo que os pais não estivessem.

A palavra «história» fez-me engolir em seco.

– Que idade tinham esses miúdos?

– Segundo os registos, seis ou sete anos, menos o mais velho que já tinha dez e que era o filho desse homem. – Ergueu o aparelho no ar.

– Não tinham pais – comentou Colin. – Estavam sozinhos.

Walt sacudiu a cabeça.

– Talvez tivessem o capitão, até ele sucumbir à doença e que terá sido o primeiro Guardador dos Livros. Ele é que lhes terá ensinado a importância de obter conhecimentos através dos livros. – Tony parecia bastante aturdido.

Cento e cinquenta anos de espera era uma eternidade. As crianças haviam-se dividido. Os Tolos insistiam teimosamente que havia de chegar ajuda do exterior, enquanto o mais velho de todos começara a crer que os pais o tinham abandonado e tornara-se o primeiro Descrente. Talvez tivesse reunido um grupo de crianças com a mesma mentalidade e ido com elas para o outro lado da ilha, para começarem da estaca zero. Talvez já existisse o Muro, por detrás do qual puderam desaparecer, ou talvez o tivesse ele próprio construído. E haviam escrito a sua estória. Estavam todos convencidos de que os pais não eram de confiança e de que todas as crianças de uma certa idade teriam de sobreviver sozinhas, sem a ajuda dos pais. E ainda acreditavam nisso.

– Eram crianças pequenas – prosseguiu Tony. – Tinham de sobreviver, mas talvez fosse tudo uma espécie de brincadeira, para eles. Como brincalhões e jovens que eram, criaram a sua própria realidade, a que juntaram novos nomes retirados de estórias antigas.

Quando o ouvi contar da guerra entre as estrelas, de Darth Vader com o seu passado obscuro e das pessoas corajosas que tinham aprendido a controlar os poderes para aceder à Força e fazer o bem, chorei de alegria. Na escuridão da noite, era como se ouvisse os nomes delas pela primeira vez e como se a estória ganhasse asas e voltasse a levantar voo. Tornava os nossos antepassados ainda mais corajosos e fortes. E tornava-nos uns privilegiados. Eles tinham passado por tudo sozinhos, sem os pais a cuidar deles, mas nós não. Já não teríamos de passar por isso.

Já nos tínhamos uns aos outros.

Epílogo

– E AGORA, como é que vai ser? – queria saber o Ancião, quando estávamos todos sentados a beber uma caneca de cerveja no grande salão de Newexter. Os aldeões tinham regressado a casa, levando os filhos com eles. Tínhamos encerrado o solar e sepultado Henry numa colina, atrás da casa. Por ora, Saul e Ben ficavam em casa do Ancião. O líder da aldeia dissera que eles precisavam de ter quem olhasse por eles e eu dava-lhe razão. O estatuto de filhos adotivos do Ancião estava longe do de líderes do solar, mas ajudá-los-ia a fazer a transição e era uma garantia para os outros jovens, já em segurança com os pais, caso alguém sofresse uma crise – de ambos os lados. Afinal, alguns dos jovens talvez se quisessem vingar de Saul e Ben.

Tony encolheu os ombros.

– Será como quiserem, na verdade. Quem quiser ficar na ilha, pode ficar. Quem quiser ir para o continente, conhecer o mundo reconstruído, pode vir connosco. O navio dos Tolos – continuou ele, sorrindo, ao utilizar aquela expressão já redundante – parece bastante estável. Arrisco-me a levá-lo.

Olhei pelo canto do olho para a minha mãe que estava sentada entre Colin e o Ancião, com um ar muito mais feliz do que o que tinha, da última vez que a vira.

– Não me importaria nada de ir – declarei. A minha mãe anuiu, sorrindo-me.

Não fazia ideia se era um ato de coragem ou não. Para ser franca, não tinha vontade nenhuma de assistir ao caos que se instalaria com a dissolução da nossa sociedade e a sua consequente reinvenção. Talvez a melhor opção fosse mesmo atravessar os mares.

Walt tossiu ruidosamente e ergueu uma sobrancelha.

– Parece-me bem. Desde que prometas não ficar constantemente furiosa comigo.

Faço-lhe um sorriso doce.

– Não me digas que te estás a armar em bom outra vez, por te sentires inseguro? Tolo.

Tony olhou para mim, depois para Walt e novamente para mim.

– Bem! Isto promete!

Desatei a rir e, nesse momento, Walt pegou-me na mão, fazendo-me corar imediatamente.

– Quem sabe – disse. – Mas uma coisa te posso garantir: será interessante.

Na manhã seguinte, acordei mais cedo. Walt, que tinha dormido no antigo quarto de Colin, também. Juntos, fomos até à praia onde tanto gostava de ir quando era pequena. Nessa altura, já me sentava horas a olhar para o mar, a pensar no que estaria do outro lado.

– Tens curiosidade? – perguntou-me delicadamente, quando estávamos juntos, diante do mar ondulante. Tinha a mão perfeitamente encaixada na dele e sentia-me envolta numa aura de calor e excitação.

Nunca fora uma rapariga muito curiosa. Não ousava sê-lo, com receio de me desiludir. Mas já ganhara bastante coragem e deixara de estar sozinha.

– Sim – respondi, com a mesma delicadeza. – Temos o mundo à nossa espera.

Depois, pousei a cabeça no ombro dele e ficámos os dois em silêncio a contemplar o nascer do sol.

Gostaria de ler mais obras de Jen Minkman? Registe-se aqui para receber notificações dos novos lançamentos em língua portuguesa!

Mailing list dos novos lançamentos da autora Jen Minkman.

http://eepurl.com/R_Z31

Gostou deste livro? Faça o seu comentário!



**A sequela de A Ilha, The Waves, conta
a versão da estória de Walt.**

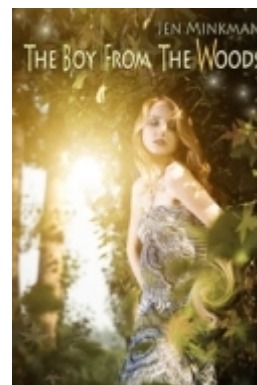


Shadow of Time:

Romance paranormal Jovens Adultos/Nova
Ficção Adultos passado na Nação Navajo
Data de publicação: Dezembro de 2012

The Boy From The Woods:

Romance Jovens Adultos, mescla do melhor do
contemporâneo e do paranormal
Data de publicação: Dezembro de 2013



Agradecimentos

Agradeço muito às pessoas que me ajudaram a preparar a publicação de *A Ilha!* Às minhas conterrâneas holandesas e autoras de romances paranormais, Anne Nicolai, Hester Stasse e Isabel Peters que me apoiaram com a revisão da versão neerlandesa, ao meu marido, Nwel Saturay-Minkman que fez a revisão da tradução inglesa e me deu conselhos excelentes. Muito obrigada a todos!

Também quero demonstrar a minha gratidão para com os membros do júri do *Concurso de Distopias para Jovens Adultos*, na Holanda, que atribuíram o segundo lugar a esta obra e a incluíram na sua Coleção de Novelas Distópicas, onde apresentam os três melhores classificados.

Quero agradecer à minha tradutora, Michelle MV Hapetian, por aceitar este projeto e disponibilizar as minhas obras ao público lusófono. Sem ela, não teriam acabado de ler este livro.

Por último mas não menos importante, agradeço muito aos meus leitores. Sem o vosso apoio, não escreveria com tanto entusiasmo e tanta dedicação. Os meus leitores são incríveis!

Jen Minkman.

<http://www.jenminkman.nl>

<http://www.facebook.com/JenMinkmanYAParanormal>

<https://twitter.com/JenMinkman>

<http://jenminkman.blogspot.nl>

[1] Hope Harbor significa Porto da Esperança (**N. da T.**)